

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira

Março de 2010

Os co-autores de "Mechéu"
Godofredo e Monteiro Lobato
Maria da Cruz, heroína do norte
Manoel Lobato e seu pontífice

E MAIS: cinema, contos, crônica e poesia.

3

SUMÁRIO

ARTIGO

Passos de Monteiro Lobato

Carlos Alberto Bastos de Matos

4



CRÔNICA

Edésios

Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza

7



HISTÓRIA

Maria da Cruz: heroína do norte de Minas

Luiz Carlos Biasutti

8



CONTO

O rosto sem face

Fernando Armando Ribeiro

11



Solidão em vários atos

Juscelino José de Magalhães

12



Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro

Belo Horizonte . MG

CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3487

magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br

CAPA

"Saciados pelo ouro, pouco importava aos primeiros mineradores que uma galinha, no Ribeirão do Carmo, valesse as oitavas pagas por uma vaca, no litoral."



É nesse contexto que surgem, no século XVIII, as primeiras fazendas mineiras, que só iriam prosperar no XIX, quando Minas se volta para o campo, com o início do processo de exaustão das minas de ouro. Junto com as culturas da cana e do café e da criação do gado de corte ou leiteiro, erguem-se também as majestosas sedes das grandes fazendas, muitas ainda hoje preservadas, como ícones desse período de fausto. Nossa capa é um desses exemplos: a bicentenária Fazenda Caieira, em Ouro Preto.

Foto de Eustáquio Soares, originalmente publicada no livro "Fazendas Mineiras", editado em 1987 pela Cemig. A citação que abre esse texto, retirada da mesma publicação, é de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, um dos maiores especialistas em arte barroca do país e atual prefeito de Ouro Preto.

ENSAIO

Os cinco coautores de um conto de Guimarães Rosa: "Mechéu"

Gutemberg da Mota e Silva

16

Bernardo Pereira de Vasconcellos Trânsfuga político ou restaurador da autoridade?

Adhemar Ferreira Maciel

20



CONVIDADO ESPECIAL

Pagulogo, o Pontífice

Manoel Lobato

24



POESIA

Apoio

Marluce Ramos Leão de Almeida

28

Solitária

Aldina Soares

29

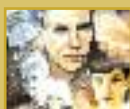


CINEMA

Os grandes filmes da história

Sérgio Braga

30



EDITORIAL

As ideias são perenes

De Bernardo Vasconcellos a Maria da Cruz, figuras da história; de Godofredo Rangel a Guimarães Rosa, autores; de Mechéu a Pagulogo, personagens. Na vida real e na ficção, a diversidade cultural de Minas emerge, poderosa, em mais esta edição da nossa *MagisCultura*, revista em boa hora lançada um ano atrás pelo meu antecessor na presidência da Amagis, o amigo Nelson Missias, e que está fadada a ser uma publicação com vida perene.

Perene porque ligada exclusivamente às ideias e estas permanecem para sempre, quando motivadas pelo pensar descompromissado com ideologias, mas atento à vida dos homens e mulheres.

Perene porque comprometida com a análise acurada, com o estudo sereno e nunca com a superficialidade ligeira e irresponsável.

Perene porque universal, a lembrar sempre que o particular de cada um de nós faz eco e encontra respostas onde quer que existam seres humanos sensíveis às manifestações da cultura.

Na edição anterior, nosso editorial celebrava a felicidade do sucesso da nossa revista e só me resta, nesta abertura, a primeira de minha gestão, tomar esse bastão de felicidade e passá-lo à frente, aos colegas magistrados de Minas e do país inteiro que, certamente, irão se enriquecer e se deliciar com a leitura desta edição.

Boa leitura a todos.

Bruno Terra Dias
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2010-2012

Presidente: Juiz Bruno Terra Dias

Vice-presidente Administrativo: Desembargador Herbert Carneiro

Vice-presidente Financeiro: Desembargador Luiz Audebert Delage Filho

Vice-presidente de Saúde: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente do Interior: Juiz Antônio Carlos Parreira

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Maurício Torres Soares

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargador Tibagy Salles Oliveira

Diretora-secretária: Juíza Maria Luíza Santana Assunção

Subdiretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Diretora de Comunicação: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Diretora do Centro de Estudos da Magistratura: Desembargadora Jane Ribeiro Silva

Vice-diretor do Centro de Estudos da Magistratura: Juiz Luiz Guilherme Marques

Diretores Culturais: Desembargador Guilherme Luciano Baeta Nunes, Juíza Mariângela Meyer Pires Faleiro e Juiz Mauro Simonassi

Conselho Deliberativo: Desembargador José Nepomuceno Silva (presidente), Juiz José Aluísio Neves da Silva (vice-presidente) e Juiz Michel Curi e Silva (secretário)

Assessores Especiais da Presidência: Juiz Nelson Missias de Moraes, Juiz Lailson Braga Baeta Neves, Desembargador Doorgal Gustavo Borges de Andrada, Desembargador Tiago Pinto, Desembargador Reynaldo Ximenes Carneiro, Desembargador Márcio Aristeu Monteiro de Barros e Ministro Paulo Geraldo de Oliveira Medina

Assessora de Comunicação: Lilian Bellotti (JP 7598/MG)

Conselho Editorial: Juiz Maurício Torres Soares (presidente), Desembargador Célio César Paduani, Juiz Daniel César Botto Collaço, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juiz Renato César Jardim, Desembargador Sérgio Braga, Jornalista e escritor Carlos Herculanio

Diretor da Revista: Juiz Renato César Jardim

Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)

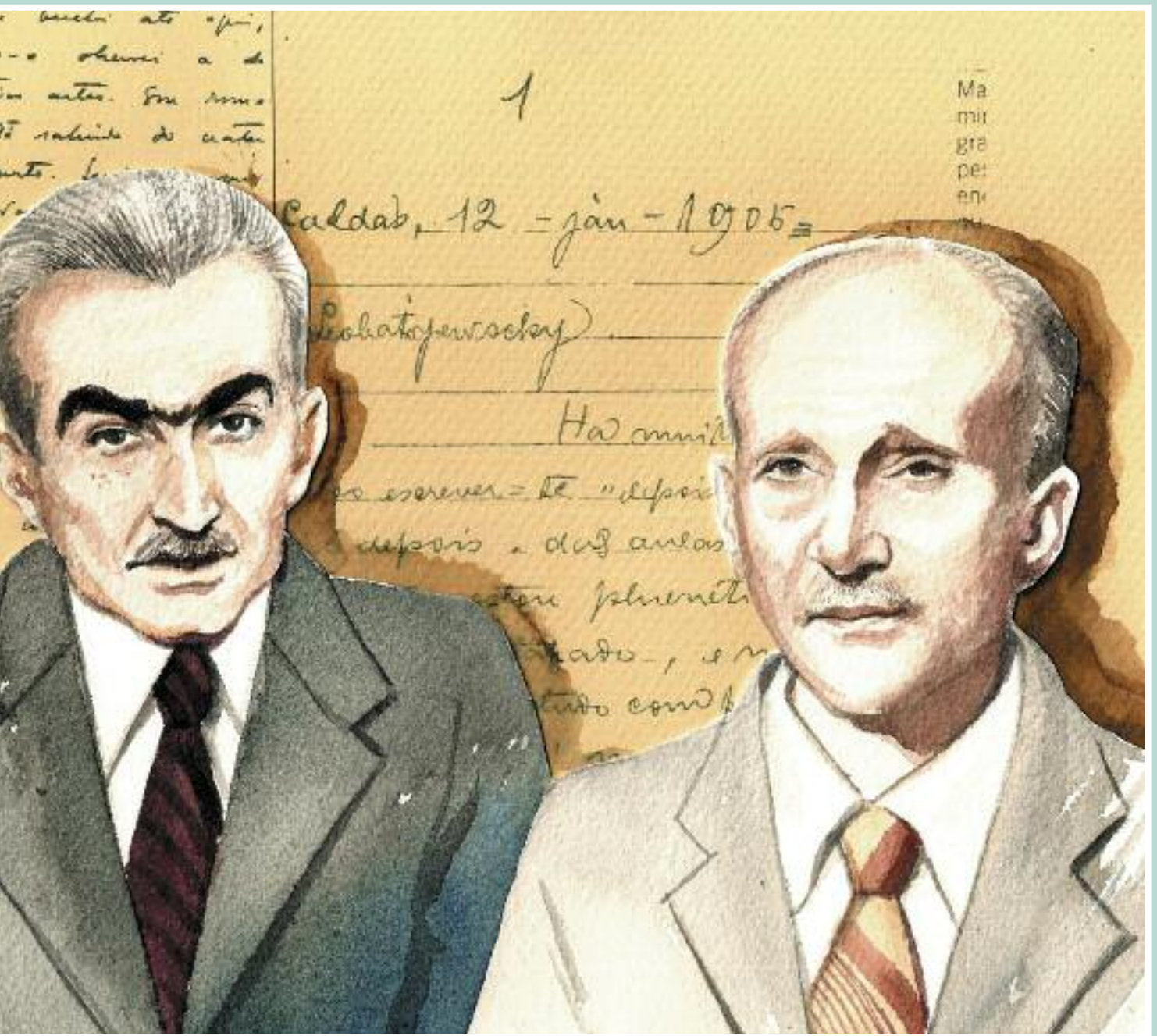
Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel G. Magalhães (www.comunicatio.com.br)

Ilustrações: Sandra Bianchi

Impressão: Companhia da Cor Stúdio Gráfico

Tiragem: 2.500 exemplares

Envio de textos para publicação: leia normas na terceira capa



Passos de Monteiro Lobato

Carlos Alberto Bastos de Matos

Foi Juiz de Direito de Patrocínio Paulista,

na divisa de São Paulo com Minas Gerais, e um dos idealizadores e fundadores do informativo jurídico eletrônico Migalhas (www.migalhas.com.br), cujo Conselho Editorial integrou até falecer, em agosto de 2004.

MagisCultura publica este texto por fazer referência a destacado magistrado e escritor mineiro e em homenagem póstuma à contribuição do autor para a melhoria da comunicação no mundo jurídico

Não, Monteiro Lobato¹ jamais esteve em Passos/MG, mas fez vários projetos – sempre frustrados – para ir à cidade visitar o juiz Godofredo Rangel, seu companheiro desde os tempos da Faculdade de Direito de São Paulo.

Rangel foi o mais íntimo de seus amigos. Nem eram, porém, da mesma turma acadêmica; o interesse pela literatura, no entanto, os unira ainda jovens e sustentou-lhes a amizade por toda a vida – e “Literatura”, dizia Lobato, “é cachaça. Vicia. A gente começa com um cálice e acaba pau d’água de cadeia”.² A longa amizade começa quando, estudantes, passam a morar num pitoresco chalé paulistano, o “Minarete” do Belenzinho, e conquanto depois raríssimos tenham sido os encontros entre eles, o passar dos anos não esmaece a afeição.

Completados os cursos jurídicos³, Rangel retorna para Minas, onde faz carreira na magistratura, ao passo que o irrequieto Lobato, após curta passagem como promotor público na modorrenta Areias, nos limites entre São Paulo e Rio, torna-se fazendeiro em Taubaté quando da morte do avô visconde e – alma buliçosa, espírito “emiliano” –, sucessivamente editor, jornalista, tradutor, adido comercial nos Estados Unidos, dono de companhia de ferro e de petróleo, e, mesmo, hóspede da Casa de Detenção paulista onde, acusado de injuriar Vargas em pleno Estado Novo, passa “uns tantos deliciosos e inesquecíveis dias” entre presos “de alma muito mais limpa e nobre do que muita gente de alta bordo que anda solta”.⁴

Tão distanciados na vida adulta, os laços afetivos mantiveram-se, todavia, por meio de contínua correspondência que trocaram durante quase meio século. As cartas de Monteiro Lobato foram publicadas em 1944, enfeitadas num volume intitulado “A Barca de Gleyre”; as do arredio e tímido Rangel, entretanto, jamais vieram à luz – e não por falta de insistência de Lobato:

“E as cartas, meu Godo? Continuam a reclamá-las. Deixa-te de enjoamentos e organiza-as, como fiz com as minhas. Todo comprador da ‘Barca’ fatalmente comprará as tuas. Não vês isso, animal? Ganharás no mínimo (edição de 5 mil) uns 20 contos.”⁵

Quanto sonhou Lobato em ir reencontrar o amigo em Minas! Desejava ver como se saía na magistratura aquele que,

nas letras, considerava muito maior que ele, “o Dickens do romance nacional”.⁶ Escrevia-lhe em 2/12/1908:

“Ando cheio de curiosidades – da tua nova vida, da tua nova profissão; e se não fossem estas raízes do casamento⁷, em vez de escrever ia ver-te. Ver-te Juiz! Ver-te Meritíssimo! Conheço-te sob todos os outros lados, menos esse – Juiz, Magistrado! O homem que rabisca nas petições o ‘Como requer’ – e fatalmente o fazes piscando três vezes. E usas óculos nessas solenidades, Juiz? Toga? A cabeleira dos ingleses – wiq?”

Em 1916, da fazenda de Taubaté, volta a lamentar:

“... prometi mil vezes pagar-te a visita que me fizeste em Areias. Mas um dia hei de surpreender-te – e estou vendo a cena! Chego, indago na estação onde mora o ‘senhor Juiz’ e vou bater à tua porta. Campanha já sei que não há; em Minas ainda é nó-dedado. E eu bato: tó, tó, tó. Ouço lá dentro uma voz: ‘Há de ser algum pobre. Vá dizer que hoje não é sábado’. O Nelo vem abrir com o ‘não é sábado’ na boca mas dá com um sujeito que evidentemente não é pobre. ‘O senhor Juiz está?’ pergunto. O Nelo entra e ouço-o dizer ao pai no escritório: ‘Papai, está um sujeito esquisito, com ar de gente de fora. Tem cara de turco...’ Uma voz grave soa no escritório: ‘Bar, veja quem é’. D. Bárbara abre a porta, dá comigo e sem querer deixa escapar um ‘!!!’ muito parecido com o célebre ‘Eux!’ do Tartarin de Tarascon. Seu rosto afogueia-se. Pensa no cabo de vassoura, agarra-o e zás!... Eis, Rangel, a razão de haver eu abandonado a ideia da visita de surpresa: medo puro! Só irei visitar-te caso me apadrinhes com um habeas-corpus preventivo e que tenha o ‘Visto’ dela. Outra razão da falha da surpresa está na ignorância geográfica das voltas que tenho de dar para cair aí⁸. Olho no mapa de Minas e tonteio. Parece-me o bátraco. Só com um itinerário, como o dos Cruzados que iam para a Terra Santa. Manda-me um.”⁹

No ano seguinte, já em São Paulo, Lobato deplora mais uma vez:

“Meu projeto de ir a Minas gorou. Venha você a S.Paulo. Meus projetos goram como ovos, porque não sou um, sou dois. Eu ponho, Purezinha impõe. Como a tua Bárbara. Ambas são ‘imponentes’!¹⁰

¹ Nascido a 18/4/1882, e falecido a 5/7/1948.

² Carta de 16/6/1904.

³ Em 1902 e em 1904.

⁴ Cf. carta de “agradecimento” que manda ao responsável por sua prisão, general Horta Barbosa, Comandante do Conselho Nacional do Petróleo – in “Monteiro Lobato – Vida e Obra”, de Edgard Cavalheiro, Ed. Companhia Editora Nacional, SP, 1956, tomo II, p.79.

⁵ Apud E. Cavalheiro, op.cit., p.148.

⁶ Carta de 4/8/1915.

⁷ Casara-se em março de 1908 com Maria Pureza Natividade, d. Purezinha.

⁸ Rangel era à época juiz em Santa Rita do Sapucaí.

⁹ Carta de 5/11/1916.

¹⁰ Carta de 4/11/1917.

“Poucas coisas eram mais indigestas a Monteiro Lobato que os arcaísmos: ‘estou convencido de que o vocábulo fora da moda, fóssil ou raro, é ‘pedra’ de banana-maçã’ .”

Em 1925, o juiz Rangel dá conta ao amigo de sua promoção. Lobato responde-lhe em 5 de abril:

“A cidade de Passos dizem-me que é boa – e vejo que é mesmo, já que te recebeu com flores e música”.

Poucas coisas eram mais indigestas a Monteiro Lobato que os arcaísmos: “estou convencido de que o vocábulo fora da moda, fóssil ou raro, é ‘pedra’ de banana-maçã”¹¹. De Passos, Godofredo Rangel manda-lhe uma obra de Wellington Brandão; Lobato entusiasma-se:

“... comecei a ler o W. Brandão no livro mandado. Realmente, muito interessante e de grande pitoresco. Há coisas deliciosas de observação e expressão.”

Mas, adverte:

“Pena escrever na tal cacografia portuguesa.”¹²

Falida a empresa editorial em que se metera Lobato, ei-lo em 1927 como adido comercial em New York. Rangel continuava em Passos, onde recebe do amigo as notícias dos encantos da América:

“Sabe onde li tua carta? No trem de Corona, que é o que me traz para casa – trem subterrâneo. Aí em Minas só as minhocas andam no fundo da terra; aqui todos nós, dentro de trens. Conta isso ao Chico Sales. Tomo esse trem numa caverna de Ali Babá, maravilhosa, chamada Grand Central, lá no fundo da terra, e o trem me leva pelo túnel que passa debaixo do rio Hudson. Eu estava passando sob o Hudson quando cheguei ao pedacinho em que falavas no jatobá. Parei e pensei comigo: ‘A cidadinha de Passos, um jatobá, Rangel olhando para o jatobá, e eu no fundo da terra, num trem elétrico sob o Hudson, vendo o Rangel de olhos fixos no jatobá!’ E repeti alto essa palavra ‘jatobá’, pela primeira vez soada naquele túnel. Um americano ao meu lado olhou...”¹³

¹¹ Carta de 1/8/1915.

¹² Carta de 8/7/1926.

¹³ Carta de 5/9/1927.

Edésios

Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuzza

*Professor, escritor, ex-Diretor-Geral do TJMG, primeiro Coordenador da Escola Judicial “Des. Edésio Fernandes”.
Integrante da Academia Mineira de Letras, da Academia Mineira de Letras Jurídicas*

O jovem e brilhante professor Edésio Fernandes Júnior, doutor em Direito Urbanístico, toma um táxi no Jardim Botânico para ir ao Leblon, em uma tarde carioca.

O motorista, um senhor bem apessoado, deixa ver logo sua boa educação e sua perícia no trânsito da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Ao passar pela orla da Lagoa, o sinal fecha, ele para o carro e atende o celular.

– “Aqui é o Edésio”, diz e encerra a rápida conversa.

O nosso Edésio Júnior olha a plaqueta de identificação no painel do veículo e confirma: Edésio. Curioso com aquela coincidência, pergunta a seu homônimo o porquê de seu nome. O taxista responde que seu saudoso pai, um dentista de Mutum, na região mineira do Rio Doce, lhe dera aquele nome “raro” porque, em sua cidade, houvera, nos idos de 40, um excelente, admirado e exemplar Juiz de Direito, chamado Edésio...

O nosso Júnior, já emocionado, conta a seu xará também se chamar Edésio por ser o filho caçula daquele Juiz, que iniciara

sua carreira na magistratura na antiga São Manuel do Mutum. A emoção contagia o profissional do volante. Conta que viera para o Rio de Janeiro, capital da República, em 1959, aos 17 anos de idade. Trabalhara, formara-se em Direito, advogara. Aposentado, comprara o táxi, “para se manter ocupado”.

O nosso Edésio Júnior, então, faz as contas e vê que o Edésio do “carro de praça” devia ter nascido em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, justamente quando Edésio Fernandes e sua querida Maria Iphigênia moravam naquela turbulenta comarca do antigo Contestado. Dali, o Juiz partira para sua brilhante e exemplar carreira judiciária: Três Pontas, Muzambinho, Três Corações, Lavras, Ponte Nova, Belo Horizonte, Tribunal de Justiça, chefia do Poder Judiciário de Minas Gerais, fundação da Escola Judicial, que hoje leva o seu acertado nome. O nosso Júnior, com sadio orgulho, narra ao seu condutor um pouco da vida profissional de seu pai, falecido em 1980.

O táxi chega ao destino e os dois Edésios apertam-se as mãos, com uma sensação agradável nos corações: o senhor, feliz pelo patrono que teve; e o outro, o mais jovem, ao relembrar o pai que lhe deixara uma herança de honra e exemplo.

Ambos com razão, pois aquele homem sereno, sábio, ético, elegante, firme, magistrado mesmo, que lhes emprestara o nome, vivera para solucionar o conflito, trazendo a paz à comunidade. Nós, que tivemos a ventura de conviver com Edésio Fernandes, o pai, ainda escutamos a sua palavra ponderada e sentimos sua mão encorajadora e confortadora em nossos ombros.

“Curioso com aquela coincidência, pergunta a seu homônimo o porquê de seu nome.”





Maria da Cruz: heroína do norte de Minas

Luiz Carlos Biasutti

Desembargador do TJMG, aposentado

“**S**obre a administração dos Índios concedida aos Paulistas, foi servido Sua Majestade que eu também desse meu voto, em que me não conformei com os demais, por ver que todo o útil se concedia aos administradores, e todo o oneroso carregava sobre os miseráveis índios, a quem com todas as voltas ou mudanças sempre a roda da fortuna levou debaixo”.

(Carta de Padre Vieira ao Duque do Cadaval, escrita na Bahia em 24 de julho de 1694).

Assim escreveu, em várias ocasiões, o grande Vieira contra a escravidão e os maus tratos dados aos nossos pobres índios. E, neste sentido, deve ser descrita a luta de Maria da Cruz, considerada, às margens do Rio São Francisco, verdadeira mãe dos pobres da região do Norte de Minas Gerais. Esta verdadeira heroína da história do Brasil Colônia, pouco divulgada, nasceu em Salvador, pertencia à nobre família Casa da Torre e foi educada pelas Irmãs Carmelitas.

Em Salvador, conheceu Salvador Cardoso de Oliveira, paulista educado pelos jesuítas, com quem se casou. Acompanhou o marido que desbravou a região norte do Rio São Francisco na Capitania de Minas Gerais, ainda região inculta e selvagem. O historiador Diogo de Vasconcellos, em sua História Média das Minas Gerais, dedicou-lhe várias páginas: na grande Sesmaria, que ia desde a atual cidade de Januária até a região de Matias Cardoso e Manga, com três filhos pequenos, assistiu à morte de seu marido. E o destino não arrefeceu a bravura desta enérgica bandeirante. Resolveu dedicar-se, com amor e coragem, à criação de gado, à plantação de mandioca e ao desenvolvimento daquela região abandonada. Tratava os escravos como verdadeiros cidadãos; mandou buscar em Salvador teares para industrializar o couro, onde seus empregados faziam arreios e peças na base de couro de boi. Montou serraria e carpintaria onde vários utensílios eram fabricados. Contribuiu com seu cunhado, Matias Cardoso, na construção da bela igreja de estilo colonial da atual cidade de Matias Cardoso, cujos construtores vieram de Salvador. Somente o filho de Matias Cardoso, Januário, depois da morte do pai, conseguiu terminar o belo templo. Maria da Cruz contava com o apoio de seu filho primogênito, Pedro da Cruz Cardoso, em todas as obras importantes da região.

Como bem realça a professora Regina de Almeida, fã incondicional da grande obra de Maria da Cruz, os Cardoso formaram um clã, como verdadeiros régulos da região do Rio São Francisco nos limites com a Bahia. Mas este verdadeiro oásis de progresso e trabalho despertou a cobiça do Governo Geral em Salvador, ainda sede do Governo do Brasil Colônia, que

somente a 31 de agosto de 1763 passaria para o Rio de Janeiro.

Como na região não havia ouro, resolveu o Governador-Geral cobrar impostos sobre o gado, o número de escravos e a indústria de couro. Houve uma revolta geral, liderada por Maria da Cruz e demais proprietários de terra que se negavam a pagar tantos impostos.

A história permaneceu obscura por algum tempo. Em vários autores da história de Minas Gerais não se procurou dar qualquer valor a esta revolta e muito menos aos motivos reais deste movimento. Todavia, como diz o antigo hino latino:

*“ Quidquid latet apparebit:
Nil inultum remanebit”*

*“(O que se oculta, aparecerá.
Nada escondido permanecerá)”*

Documentos antigos de Portugal e de velhos livros confirmam a história de Maria da Cruz.

Diogo de Vasconcellos, em “História Média de Minas”, em linhas gerais, foi o primeiro a levantar esse fato do norte de Minas. Tudo teria como início de revolta a cobrança da taxa de capitação, uma quantia fixa “per capita”, uma analogia com a cobrança do quinto do ouro. Tais taxas anuais eram cobradas sobre cada escravo que trabalhava na região mineira ao norte do Rio São Francisco. Pedro Cardoso e sua mãe Maria da Cruz possuíam vários empreendimentos e uma considerável fortuna em terras, escravos e gado. No final da sedição, somente Pedro Cardoso e Maria da Cruz, por terem liderado a revolta, foram presos e levados ao Rio de Janeiro e, por fim, condenados à morte. Como Salvador ainda era a capital do Brasil - Colônia, Dona Maria da Cruz foi, provisoriamente, exilada no Convento das Irmãs Carmelitas daquela cidade e seu filho, Pedro, exilado para uma ilha da África Portuguesa. Perderam tudo. Neste ponto, como salienta a professora Regina Almeida, há muita controvérsia. Não se sabe ao certo como a revolta foi denunciada ao Governador Geral da Bahia, pois os revoltosos ainda estavam reunidos na Ilha de São Romão, no Rio São Francisco.

Outros grandes fazendeiros da região apossaram-se das terras da família Cardoso e acabaram com a política de bondade com escravos e índios, como era o desejo real de Maria da Cruz.

Consta que, anos depois, Maria da Cruz recebeu anistia régia e conseguiu novamente suas terras e seus fiéis servidores, que continuaram a receber um tratamento humano, conforme pregação de Padre Vieira.

“De qualquer modo, a história hoje procura fazer justiça: Maria da Cruz foi a primeira heroína e inconfidente de Minas Gerais e, provavelmente, do Brasil.”

Conforme Diogo de Vasconcelos:

“*Maria da Cruz era menos senhora que mãe de todo aquele povo. Escravos, camaradas, agregados, um milhar de corações ali batiam nas angústias de terras e da incerteza, naquele momento, um lago de aflição. Ela havia criado quase toda aquela gente. A Casa Grande era um orfanato. Era ela quem sustentava os enfermos e os inválidos, quem, provia à educação dos menores, pagando os mestres de leitura, de música e de ofícios, quem mantinha o culto da capela, quem casou as raparigas e empregava as moças, vida e alma do lugar. (História Média das Minas Gerais, pág. 113).*”

De qualquer modo, a história hoje procura fazer justiça: Maria da Cruz foi a primeira heroína e inconfidente de Minas Gerais e, provavelmente, do Brasil.

Referências Bibliográficas

- ANASTASIA, Carla Maria Junho. Apud *História de Minas Gerais – As Minas Setecentistas*, Vol. (guerras, sedições, motins), Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2007.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Média das Minas Gerais*, páginas 111-117, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1974.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*, (O prefácio da reedição de autoria de Francisco IGLESIAS, dá o devido valor à obra de Vasconcelos).
- VIEIRA, Antônio Padre. *Cartas Selectas*, JJ. Roquete, Livraria Portuguesa De J. P. Aillaud – Paris, 1833.
- BURTON, Richard. *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico* – Tradução de David Jardim Júnior – Editora Itatiaia, Belo Horizonte – 1977.

Referências orais

- Professora Regina Almeida (Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais).
- Hamilton Pereira Costa (Historiador de Manga / MG).



A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída por Maria da Cruz e seu cunhado, está localizada à margem direita do Rio São Francisco, no antigo Arraial de Morrinhos, atualmente município de Matias Cardoso. De autor desconhecido, ela foi erguida no século XVII, sendo uma das igrejas mais antigas de Minas Gerais. A construção é arrojada, cercada por muro, com colunas nos ângulos e nos portões, o que lhe confere grande beleza e imponência. Foi tombada em 19 de fevereiro de 1954 (processo nº 493-T-54, inscrição nº 300, constando do Livro Histórico, v. 1, p. 50).

Fonte: Atlas digital de bens móveis e imóveis inscritos no Livro de Tombos do Iphan. PUC Minas.

O rosto sem face

Fernando Armando Ribeiro
Juiz Civil do TJMG

Aquele era sim o seu rosto, mas não sua face. Não saberia explicar o paradoxo não fosse o álibi inquestionável da ciência. Mas ela estava ali, prostrada, e diante do espelho, a busca pela identidade só encontrava sossego diante do conhecido e atordoado olhar. Não, não haveria perguntas. O silêncio seria a única possível manifestação humana diante de tão grandioso mistério. O chamado do outro tardaria, e o seu próprio chamado não iria se fazer mais cedo. Será possível que ninguém a reconheceria? Teria ela de contar e recontar sua história, de mergulhar mais uma vez em todas as dores, alegrias e amores para descobrir a si mesmos uma vez mais em seu ser. Não, isso não era justo. Não era possível, crível... não era... nada!

Nada! Que estranho sentido esta palavra agora adquiria. Jamais pensara que nada pudesse significar tanto. Causar tanto

pânico, transtorno... e conforto. Nada. O que seria? Quem seria? Nada sou eu? – perguntava-se a criatura desconsolada. Sem memória, sem história, sem espelho! Sem o olhar do outro que refletisse o seu próprio a lhe mostrar o que se reconhece – e é bem verdade, o que se desconhece, se recusa e se nega também.

De repente, uma forte batida na porta faz cessar todo o monólogo existencial-metafísico.

– São os fotógrafos da revista! Estão esperando lá embaixo, a empregada lhe grita do corredor. Ela então mais uma vez fecha os olhos, num rito quase-fúnebre de quem cerra os olhos para morrer. Sabia que a partir dali não haveria mais espelhos, apenas câmeras e *flashes* a registrar o bellissimo rosto cuja face consistia em ser nada.





Solidão em vários atos

Juscelino José de Magalhães

Juiz de Direito em Ribeirão das Neves

Nasci em um fevereiro chuvoso da metade do século XX. Disso eu tenho certeza porque vi tempos depois, em uma anotação solitária de uma agenda de bolso de meu pai, no dia 6, a referência ao fato e o meu nome. A agenda só tinha essa anotação, parece até que foi comprada para isso. Eu era o primeiro filho e o velho não perdeu a oportunidade de fazer uma homenagem ao pai dele, me dando o seu nome. Meu pai ficou órfão com quatro anos. Para os que têm essa história, carência paterna é para o resto da vida.

Anos depois, quando eu já tinha algum entendimento, minha avó paterna me contou que no dia em que eu nasci aconteceram muitas coisas que ela não sabia se eram prodígios ou esquisitices. Em um circo que estava na cidade, uma bailarina com sombrinha caiu da corda e morreu. Foi ovacionada com palmas e assovios, e minha tia que assistiu ao espetáculo não soube distinguir se homenageavam a bailarina ou a sua morte. Na noite do parto nenhum galo cantou, e olha que vovó sabia distinguir o canto de cada um dos mais de cinquenta que existiam na fazenda. Naquele mesmo dia uma vaca pariu um bezerro de sete cabeças, com chifres já crescidos. O bezerro causou tanta curiosidade que seu nascimento despertou mais interesse do que o meu. Isso fragilizou minha mãe que se sentiu frustrada ao perceber que uma gestação inteira e um parto sem médicos, na bruta, como todos os que são feitos por parteiras, foi ofuscado pelo nascimento de um bezerro-monstro. O pior é que meu pai associou o nascimento do bezerro ao meu e achou que eu não era seu filho. Deve ter sido intuído por algum demônio desocupado. Ficou tão transtornado que quando se deu conta já estava na boate da Stelita. Pediu uma dose do uísque batalhões, que era como ele achava que se chamava o já famoso Ballantines. Foi a primeira vez que meu pai entrou naquela casa. Virou piada por causa da troca do nome. Desisti da bebida por causa do preço e acabou-se embebedando de cachaça mesmo e adormecido no chão da boate. Foi acordado no dia seguinte por um balde de água fria que lhe jogou o delegado, hóspede assíduo da cafetina, com quem ele namorava e a quem gigolava. Meu pai acordou vesgo de ressaca, todo molhado de água e urina: tinha mijado sem saber o que lhe acontecia. Minha mãe, ao saber do que se passava na cabeça de meu pai, sentiu-se ofendida e foi-se embora me deixando para trás. Ela voltou para a casa de meu avô e de lá nunca mais saiu, passando a maior parte do tempo trancada em um quarto. Perdi minha mãe. Nunca mais a vi. O pai de minha mãe morava em uma ilha que ele mesmo construiu. Certa feita, teve uma crise existencial e converteu-se a si mesmo. Num momento de rara sinceridade, gritou na Matriz da cidade: “Chega de fingimento”; e saiu da igreja. O que deu especial gravidade ao caso foi o fato de o grito ter sido dado em uma missa de domingo, com a igreja cheia de fiéis. Naquele tempo as missas eram celebradas em latim com o padre de costas para o povo, solene ao ponto de despertar temor reverencial. Se algum rito era questionado, o padre sempre se

valia da palavra mágica ‘mistérios’, como de resto acontece até hoje em se tratando de religiões. Meu avô nunca mais voltou à igreja. É bem verdade que ele perdeu a amizade do padre, que o excomungou. Na vida privada tornaram-se inimigos. Ao se ver discriminado pela excomunhão, gastou a fortuna que herdou para desviar o leito de um rio, formando a ilha onde morava e para onde levou a família. Encheu-a de crocodilos, importados da Austrália, que primavam pela ferocidade aumentada pela fome. Ele os mantinha sempre subalimentados, de forma a torná-los mais indóceis ainda. O curioso é que meu avô os domesticou e em sua presença eles não atacavam. Criou-se uma rotina: todos os dias o velho ia à beira do rio, exatamente às três horas da tarde, e via quem queria ir até sua ilha. Se fosse do seu agrado, falava umas palavras em idioma estranho que acalmava as feras e, de canoa, buscava a pessoa. Se fosse gente de quem ele não agradava, se limitava a voltar para a casa onde morava, que não podia ser vista da margem do rio. Sua sociofobia aflo-rou-se intensa e seletiva. Quem conhecia sua história entendia seus motivos. Estudou odontologia na faculdade da capital da província, de onde trouxe um diploma de dentista e um gabinete para o exercício da profissão, além de uns sete idiomas que foi obrigado a aprender porque os livros da escola eram todos em língua estrangeira. Indispôs-se com a clientela após tomar vários canos e, por fim, com a própria profissão. Encaixotou o gabinete e o manteve assim até morrer, com mais de noventa anos. Detestava até mesmo perguntas sobre o maldito ofício. A última coisa que fez como dentista foi arrancar todos seus dentes, impecavelmente são, sem anestesia, de uma só vez. Causou escândalo a resposta que deu quando um desavisado lhe perguntou por que ele tinha abandonado uma profissão tão bonita e ele respondeu em tom de falsa naturalidade que era porque os dentes ficam na boca e não na bunda. Nunca mais lhe abordaram para conversar sobre odontologia.

Meu pai foi convencido pelo Dr. Francia, jovem médico que se autoproclamou o primeiro e único conhecedor das teorias de Freud naquela cidade, e que se compadeceu de sua dor e aflição. Ele disse que a suspeita de traição era infundada e teve origem no nascimento simultâneo do bezerro de sete cabeças e do meu. Revelou ainda que ao ver tantos chifres e tantas cabeças em um pescoço só, meu pai teria feito uma associação inconsciente tomando a existência do maldito animal como sendo um aviso de uma infidelidade que só existia no seu imaginário. Argumentou com meu pai que aquilo podia ser também sintoma de homossexualismo latente, já que o chifre pode ser tomado como um símbolo fálico por ter o formato de um pênis. E que meu pai, temendo sua homossexualidade, preferiu projetar em minha mãe a imagem de uma infiel, o que serviria de desculpas acaso fraquejasse. Meu pai ouviu mudo toda latomia. O médico percebeu que ele nada entendia e arrematou a conversa: “trocando em miúdos, tua mulher não te traiu, é tudo fruto de tua cabeça, de tua imaginação”. Apaixonado que era, estava louco para ouvir

que aquilo tudo que estava vivendo era mentira. Ao se dar conta de sua estupidez em duvidar da honra de minha mãe, tentou reencontrá-la para pedir perdão, sem nunca conseguir. Meu avô nunca aceitou recebê-lo e, ainda, adestrou alguns crocodilos para o engolirem caso ele insistisse em frequentar a beira do rio. Ao se dar por vencido, meu pai ficou descabeçado. Passou a beber dia e noite, aguentou uns meses e morreu delirando. A última coisa que fez foi dar um beijo no retrato de minha mãe. Assim perdi meu pai.

A precoce separação de meus pais me privou de ter irmãos. Não ter irmãos é não ter com quem compartilhar cumplicidades. Esses são como se fossem pertencentes a um décimo terceiro signo que de tão ruim ainda está por ter o nome definido. Aprendi a ser só, sempre ao alcance de minha avó que sabia que para me encontrar bastava bater na porta do quarto que eu ocupava em sua fazenda. Às vezes eu me permitia ir até o quarto de meu tio Zezinho, o soturno, como achavam que eu ficaria. Já estava ali, praticamente sem sair, havia anos. Melhorava a cara quando eu chegava, às vezes me acariciava os cabelos e me deitava em sua perna. Isso me encorajava a procurá-lo; passou a haver entre nós uma grande e terna amizade. Um dia cheguei ao seu quarto e ele não estava. Horas depois consegui associar o choro silencioso de minha avó à sua morte. Suicídio. Acredito que foi o inquérito de mais fácil elucidação que teve o delegado: o corpo foi encontrado no chão da farmácia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ao lado de um vidro de fósforo. No bigode e na mão do meu tio, resíduos do sal. Não houve dúvidas: ele ingeriu o sal venenoso com as próprias mãos. Para minha avó não havia mistérios: meu tio foi deixado no altar pela graciosa noiva que preferiu os encantos de um jovem advogado vindo do Rio de Janeiro, que se dizia membro da Internacional Socialista e pregava que a propriedade privada era um roubo e que meu tio cheirava a leite azedo e a bosta de boi. As mulheres

“A precoce separação de meus pais me privou de ter irmãos. Não ter irmãos é não ter com quem compartilhar cumplicidades.”

sempre preferem os que falam difícil, que usam fraque e cartola e cheiram a Coty. Com a morte de meu tio foi-se o meu primeiro amigo, se é que tive outros. O padre decretou que o corpo seria enterrado na periferia do cemitério, fora da área santa. Tentaram fazer um caixão para o tio Zezinho. Fizeram doze. Sempre que um caixão ficava pronto o corpo já tinha inchado tanto que não cabia. Tiravam novas medidas e faziam outro. Não foi preciso fazer a décima terceira tentativa porque o corpo já não estava ali. Inchou tanto que subiu. Quando perceberam, estava a uma altura em que nada mais podia ser feito. Continuava a inchar e a subir. Estacionou sobre a cidade quando estava a uma altura de uns mil e quinhentos metros. De dia cercava a luz do sol mergulhando a cidade em considerável penumbra. De noite fosforizava. De seu corpo saíam luzes multicores que formavam palavras, versos, estrofes e até poemas. Saíam sem pressa, nunca mais do que cinco por noite, mas não houve uma noite que não tivesse pelo menos uma palavra. Impressionado com o que via e pressionado pela multidão, o farmacêutico se valia de uma luneta. Pensava: “as letras são efeito do fósforo associado a flatulências de uma enorme fermentação. Se esse corpo se desintegrar, vai cair sobre a cidade e poderá causar enorme catástrofe”. Para o povo, dizia: “Acalmem-se. O corpo subiu porque está mais leve que o ar. A tendência é continuar subindo até desaparecer no infinito das alturas”. Mas o corpo lá estava, balançando no ar. A primeira frase que se formou dos gases foi:

“Toda notícia tem dois lados, a alegria do gato é a desgraça do rato”. Todos ficaram sem entender. Um louco de rua disse em alto e bom tom: “Para quem achava que havia presenciado um Romeu e Julieta, deve estar agora sabendo da dor desse homem que nem mesmo entrou em nenhuma das histórias que inventaram sobre o rocambolésco romance da noiva que fugiu do altar.” Teve a fala cortada pela nova frase que saiu do morto: “Para gerar quinhentos empregos tive que cheirar a leite e bosta de boi. Nunca vi um bolchevique de merda, de fraque e cartola, gerar um emprego sequer”. Essa todos entenderam porque foi direta demais. Um dia saiu um poema de uma só estrofe que todos decoraram:

“Não pensem que sofri um só momento./ A traição só é feita no cometimento./ Hoje estou livre como o pensamento./ Escuto o mundo pela voz do vento.”

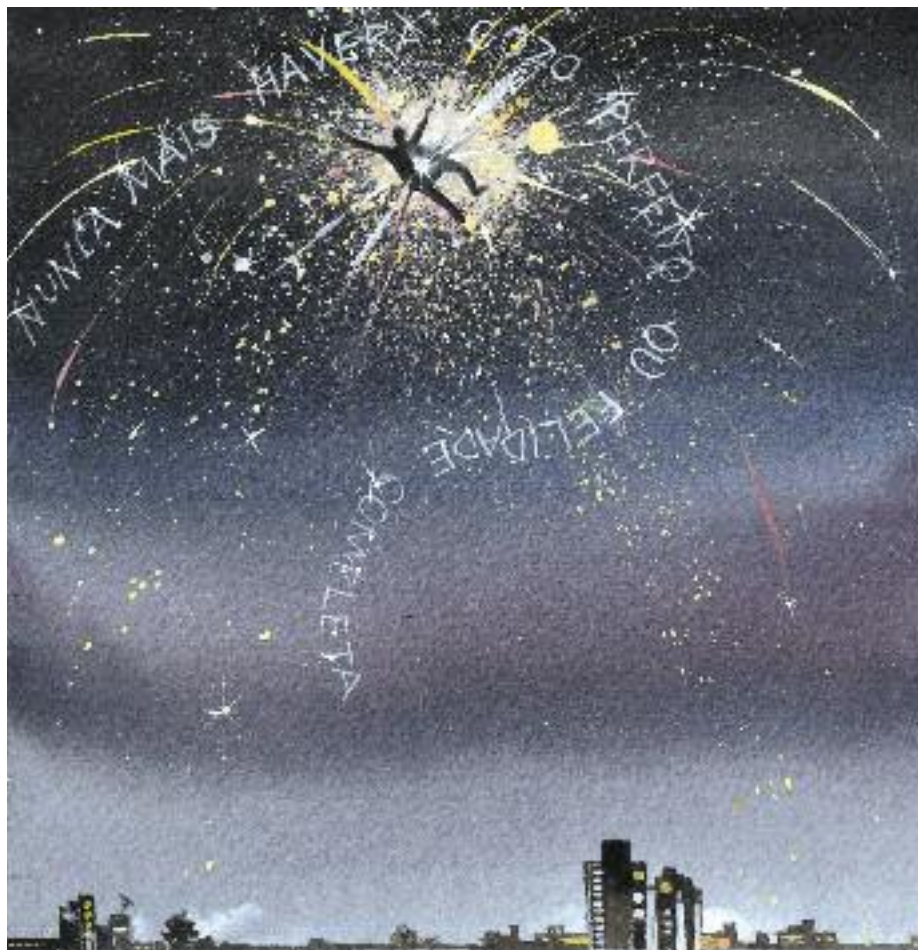
Outro dia saíram frases que denunciavam alguma amargura:

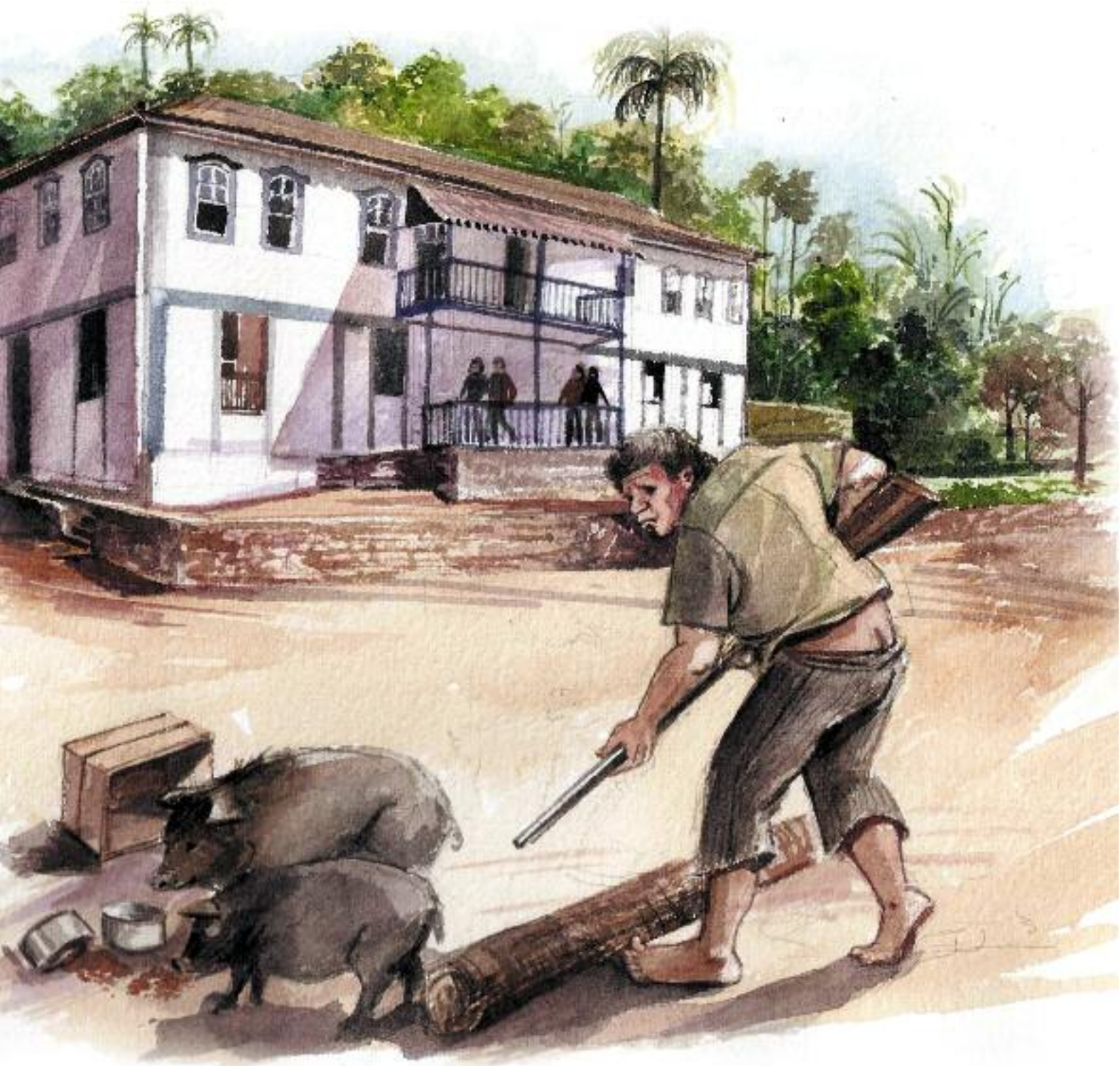
“Atirei pérolas aos porcos./ Os porcos comeram as pérolas./ Perdi todas minhas jóias/e não enfeitei os porcos./Suína sorte a minha!”

Todos se maravilhavam com a inteligência dos gases saídos do tio Zezinho. Ninguém acreditava que aquilo pudesse ser de sua lavra. Coitado, foi sempre contido, nunca se mostrou. Quando já havia passado uns quinze dias formou-se no céu a seguinte frase: “Adeus terra ingrata! Nunca mais haverá gozo perfeito nem felicidade completa”. Logo após, meu tio se explodiu como se fosse um enorme foguete de lágrimas derramando luzes de todas as cores em quantidade nunca vista, como se fosse um milhão de estrelas cadentes. A partir daí foi como se um espetáculo tivesse terminado. Houve quem sentisse saudades e chorasse de comoção.

Encontrei a Sá Dina, parteira que fez o meu parto, junto com minha avó. Ela me disse: “Você já nasceu conversando”. Chegando em casa disse para minha avó, que admirou-se e balbuciou como se estivesse falando para si mesma: “Então foi verdade, não foi falsa impressão”. Aí eu quis saber dela o que eu falei quando nasci. A muito custo ela me revelou o que eu disse: “Em boca fechada não entra mosca nem gosma de placenta”.

“A partir daí foi como se um espetáculo tivesse terminado. Houve quem sentisse saudades e chorasse de comoção.”





Os cinco coautores de um conto de Guimarães Rosa: “Mechéu”

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador em Minas Gerais

João Guimarães Rosa, todos conhecemos. Desconhecemos, porém, Pedro Moreira Barbosa, sua mãe, Joaquina Cândida Moreira, suas irmãs América Moreira Barbosa e Custódia Moreira Barbosa, e seu cunhado, Pedro Moreira Figueiredo. Todos eles são, digamos assim, coautores de *Mechéu*, conto que Guimarães Rosa publicou em *Tutaméia (Terceiras estórias)*, seu último livro em vida, lançado em julho de 1967.

Pedro Moreira Barbosa, colega do autor de *Grande Sertão: Veredas* na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, turma de 1930, era dono da indústria de confecções Paraopeba Industrial S.A. (PISA) e da Fazenda das Pindaibas, em Caetanópolis, Minas Gerais, município vizinho e sob a influência de Paraopeba.

O seguinte é este, acontecido quando Rosa visitava com outras pessoas a fazenda do amigo. “Muito chovendo e querendo os de fora qualquer espécie nova de recreio”, puseram atenção em Hermenegildo, o *Mechéu*, serviçal debilóide das Pindaibas, chamada às vezes de *Pindas* pelo escritor, que nunca mais se esquecerá dele. Em 19 de julho de 1949, estando em Paris como Primeiro Secretário e Conselheiro da Embaixada do Brasil, enviou ao amigo um questionário com 12 itens, buscando se recordar da fisionomia, da expressão, do aspecto, dos hábitos, das superstições e dos gostos de *Mechéu*, inclusive de fatos engraçados de sua vida, para transformá-lo num personagem de ficção.

Assim pediu: “Mas, meu velho, antes que eu me esqueça, acuda aqui ao seu parente. Estou, afinal, pondo em papel a biografia romanceada do grande *Mechéu*, e preciso, sem falta, de mais alguns dados. Por-amor-de-deus, mande-me, pois, o seguinte”, e formulou, em algarismos romanos, várias indagações. E quase no final da carta: “Nada de preguiça, oh Peréra – forneça-me isso, e mais alguma coisa marcante ou engraçada, que lhe vier à lembrança, sobre o inolvidável Hermenegildo. Recorra também ao nosso Américo. E eu bendirei mais uma vez o pronto e eficaz auxílio. (Que dá sorte. Você está lembrado do questionário sobre as “vozes do carreiro”, com o qual Você me espanou a memória, para o *Sagarana*?” (seu primeiro livro, escrito em sete meses de 1937 e lançado em 1946).

Menos de um mês depois, em 15 de agosto de 1949, Pedro Barbosa escreveu-lhe do Rio: “Meu caro Joãozinho. Pouco antes de partir em demanda das terras paraopebenses, recebi sua carta de 19 de julho. Chegou na hora, pois os melhores conhecedores de *Mechéu* lá estão. Com efeito, convoquei uma reunião conjunta da Mamãe, Pedro Figueiredo e as minhas irmãs. Junto o resultado do que ocorreu á (sic) memória dos participantes desse conclave”.

Dezoito anos depois, em 11 de julho de 1967, agora escrevendo do Rio, Guimarães Rosa assim concluiu a carta: “E muitas

saudades, sempre, Pedro. Você não imagina. Mas, também, cada vez me prende mais a trabalhadeira, em todos os “fronts”. Espero para o fim do mês a publicação do nosso último livro o “*Tutaméia – Terceiras Estórias*”, onde figura o *Mechéu*. Muitas lembranças e abraços, de Aracy também, a Olga, Você e Todos. Forte, outro, do Joãozinho”.

Pedro Barbosa é citado no conto como o fazendeiro *Sásfortes*, e a mãe dele, *Dona Joaquina*, com o próprio nome. Os originais das dezenas de cartas trocadas durante 33 anos de amizade constam do acervo doado, à exceção de uma carta, ao Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo, terra natal do escritor.

“... chamar-lhe “*Tatu*”, apelido herdado do pai” (Família Moreira Barbosa).

“... chamarem-lhe *Tatú*, apodo herdado do pai” (Guimarães Rosa).

O conselho familiar respondeu uma a uma a todas as perguntas. Como dissemos quando contamos o episódio no Suplemento Literário do Minas Gerais nº 888, de 8 de outubro de 1983, e, antes, no Jornal do Brasil, o confronto das respostas com o texto rosiano revela que os Moreira Barbosa podem ser considerados coautores do conto, estruturado quase completamente naquelas preciosas informações. Várias delas foram aproveitadas na mesma ordem em que relatadas, com poucas alterações e as mesmas palavras, ou sinônimos pouco conhecidos: *apodo*, no lugar de apelido; *hirsuto*, no de peludo; *debicarem*, no de ridicularizarem; *cavalo ruço* (pardo claro) no de cavalo branco.

Os menores detalhes, Rosa valorizou-os. Tal característica já tinha levado Graciliano Ramos – depois de ler *Sagarana*, inscrito, com o título *Contos*, em célebre concurso literário em que perdeu por um voto para *Maria Perigosa*, de Luís Jardim – a desejar que ele se dedicasse ao romance: “Achariam aí campo mais vasto de suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos”.

Cotejemos algumas das informações dos Moreira Barbosa com os trechos correspondentes, estes em negrito, do texto do conto, conforme consta da 3ª edição de *Tutaméia* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969, p. 88 a 91):

“O que mais o enfurecia era chamar-lhe “*Tatu*”, apelido herdado do pai”. **Mais o exasperava chamarem-lhe *Tatú*, apodo herdado do pai.**

Ao aparecerem seus primeiros cabelos brancos, dizia que não eram seus e sim de um cavalo branco de nome “*Vapor*”.

Nada do preguiça, oh Peréira ! -- forneça-me isto, e mais alguma coisa marcante ou engraçada, que lhe vier à lembrança, sobre o inolvidável Hermenegildo. Recorra também ao nosso Américo. E eu bendirei mais uma vez o pronto e eficaz auxílio. (Que dá sorte. Você está lembrando brado do questionário sobre as "vozes de comando" do carroiro, com o qual Você me espanou a memória, para o Sagarana ?



Apareciam-lhe os cabelos brancos e renegava seus fossem, sim de um cavalo ruço do Patrão, por nome Vapor.

"Mechéu tinha aspecto carrancudo, pois vivia quase sempre contrariado, porque se irritava com as menores coisas (um rasgado na roupa; um porco que pisasse seu pé na hora da ração; quando alguém fixava nele um olhar; um esbarro involuntário de alguém etc").

Semi-imbecil trabalhava, vivia, moscamurro, raivancudo, senão de si não gostando de ninguém. Ante tudo enfuriava-se às mínimas e niglingas – rasgadela na roupa, esbarro involuntário ou nele fixarem olhar, pisar-lhe um porco na hora da ração".

"Levando certo dia almoço para os trabalhadores na roça, tropeçou em um toco no caminho, ferindo um dedo do pé. Revoltado, desceu da cabeça o caixote de comida, colocou-o no chão e voltou à fazenda em busca de uma espingarda para atirar no toco. Ao chegar ao local do acidente, encontrou o caixote totalmente vazio e sujo pelos porcos que haviam se deliciado com o alimento destinado aos camaradas. Regressou o Mechéu furioso com o ocorrido, mas atribuiu a culpa de tudo isso à pobre cozinheira".

Topou em toco, por exemplo, certa danada vez, quando levava aos camaradas na roça o almoço, desceu então o caixote da cabeça, feroz, de fera: para castigar o todo, voltou pela espingarda; já a comida é que mais não achou, que por bichos devorada! – e culpou de tudo a cozinheira.

"Apontava sempre alguém como culpado (de acidente ou serviço mal feito). Se o leite talhava, atribuía a culpa à pessoa que buscou as vacas no pasto. Se ia lavar o seu prato sujo de gordura na água fria, culpava a pessoa que sangrou o porco por não querer a gordura sair do prato. Se ao tomar café quebrasse uma xícara, culpava a pessoa que preparou o café".

Sempre via o mal em carne e osso. Se quebrava xícara, atribuía-o à guilha da que coara o café; se do prato lavado em água fria não saía a gordura, incriminava o sangrador do suíno ou o salgador do toucinho; se o leite talhava, era por conta de quem buscara as vacas.

"Sua marcha era desajeitada, pois arrastava muito de leve a perna esquerda."

Mechéu marchava com desajeito, bamba bailava-lhe a perna direita, puxada pela esquerda.

"Tinha botinas mas não as suportava. Andava descalço. Usava nos dias de serviço chapéu de palha e nos domingos de lebre, igual ao do patrão". Antes disso: "Aos domingos vestia roupa limpa, fazia barba e saía sempre a passear, a cavalo ou a pé. Tinha o seu cavalo e arreio, dos quais ninguém mais podia fazer uso. Era mau cavaleiro".

Descalço – não suportava as botinas – punha Mechéu nos dias de serviço chapéu de palha; e de lebre, igual ao do Patrão, aos domingos, quando vestia roupa limpa, fazia barba e saía sempre a passear, a pé, ou, mau cavaleiro, a cavalo. Tinha o seu próprio, Supra-Vento, e arreios, jamais emprestados. (...)

"Só usava roupa especialmente feita para ele. Não aceitava, de modo algum, uma roupa, mesmo nova, que ele sabia haver sido feita para outro. Atribuía a exuberância de pelos do seu peito ao fato de haver vestido camisa do Neca Véio", fazendeiro vizinho e que era também peludo. Porém, nunca vestiu camisa alguma do Neca".

Somente aceitava roupa feita para ele especial; modo algum, mesmo nova, a cosida para outro: referia os pelos do peito a ter usado camisa do Neca Velho, vizinho fazendeiro e também hirsuto, nunca porém vestira camisa do Neca.

Meu caro Joazito

Pouco antes de partir em direção das terras paraoquenses, recebi sua carta de 19 de julho. Chegou na hora, pois os melhores conhecedores e Mechéu lá estão. Com efeito, convoquei uma reunião conjunta da Mamãe, Pedro Iguirêdo e as minhas irmãs. Junto o resultado do que ocorreu à memória dos participantes dêsse conclave.

"Sua superstição era somente a de não gostar que varressem ou jogassem água nos seus pés, porque achava que isso o impediria de casar-se. Isto o enfurecia e às vezes ocasionava briga."

Superstição sua única era a de que não varressem ou lhe jogassem água nos pés, o que o impediria de casar. Irava-se, então, entences.

"Para ele era um prazer quando se lhe contava uma história qualquer, ridicularizando alguém. Por exemplo: Fulano foi à casa de Sicrano e a moça, a filha da casa e que ele considerava sua namorada, não lhe abriu a porta; Fulano não tinha coragem de ir à vila, à noite, com medo dos lobos. Coisas assim faziam-no rir a valer. Não uma risada aberta, gargalhada, porque o aparelho fonador não devia permiti-lo. Era uma risada entre os dentes, chiada, mas ria tanto que às vezes até engasgava."

Sumo prazia-lhe ouvir debicarem alguém: que fulano fora à casa de baiano e a moça de lá não lhe abria a porta; beltrano não ia à Vila à noite, por medo dos lobos; cicrano surrara peixano que sapecara terciario que sovara marrano, sucessos eis faziam-no rir a pagar, não risada gargalhal, somente chiada entre quentes dentes, vai vezes engasgava-se até, da ocasiãozada. Malvadezas contra os outros o confortavam.

"Considerava-se namorado sempre da última moça bonita que conhecesse. Falava constantemente no casamento, marcava a data, que era sempre no próximo 3º domingo (ele dizia 'bimingo 3'). Quando queria dizer no próximo domingo, dizia assim: 'bimingo um'."

Tomava-se por infalível noivo de toda qualquer derradeira sacudida moça vista, marcava coió o casamento, que em domingo fatal sem falta: - Bimingo um...bimingo dois...bimingo três! – dedo e dedo contava.

"Barba fechada, braços e peitos peludos..."

De braços e peitos peludos, fechada a barba: (...).

Rio, 11 de julho de 1967

Pedro, meu caro,

É muito mandado, sempre, Pedro. Você não imagina. Mas, também, cada vez no preda não a twndiãra, em todos os "frentes". Espere para a fim do ano a publicação do nosso último livro, o livro "TUTAMÉIA – Terezinha Estêrcia", onde figura o "Mechéu".

Muitas lembranças e saudades, de
 sempre Francisco, de Olga, de Lúcia e Tereza,
 Tereza, etc.
 de
 Joaquim

Todas as pessoas já partiram. Ficou, imortal, o personagem.

A Fazenda das Pindaibas, mencionada no conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Sagarana, foi repartida em glebas, entre os seis filhos de Pedro Moreira Barbosa, sendo seu proprietário, hoje, José Flávio Reis Barbosa. A PISA, adquirida pela Cedro e Cachoeira, já não existe.

Como Rosa, que se encantou em 19 de novembro de 1967, quatro meses após o lançamento de *Tutaméia* e três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro de 1967, já faleceram todos os que contribuíram para o conto. Pedro Moreira Barbosa é nome de rua, ainda não urbanizada, na cidade de Paraopeba, cruzando a rodovia Belo Horizonte - Brasília. É o que nos informaram, em janeiro de 2010, a viúva do fazendeiro, Dona Olga Reis Moreira Barbosa, saudosa e lúcida senhora aos 93 anos de vida, uma filha, Marília Barbosa Carvalho, e as professoras Melânia Silva de Aguiar e Maria Terezinha Mascarenhas Rocha, pesquisadoras da vida e obra de Guimarães Rosa.

Também há muito e muito tempo partiu *Mechéu*, de prenome Hermenegildo e nome deslembado ou nunca sabido. Ficou, porém, imortal, o personagem.



Bernardo Pereira de Vasconcellos Trânsfuga político ou restaurador da autoridade?

Adhemar Ferreira Maciel

Ministro Aposentado do STJ

Presidente da Academia Mineira de Letras Jurídicas

Findo 2009, triste para nossas instituições parlamentares, quando os jornais noticiaram a existência de centenas de atos com negação de publicidade no Senado Federal, nada mais oportuno do que lembrar a figura do “gigante intelectual” (NABUCO, 1997, I, p. 65) Bernardo Pereira de Vasconcellos, “o homem que seria talvez o mais lúcido doutrinador do regime representativo no Brasil e um dos potentes construtores das instituições nacionais” (SOUSA, 1957, V, p. 2). Como deputado, “talvez o mais influente do Brasil” (WALSH, 1985, 2, p. 108), Bernardo se posicionou abertamente contra a política de distribuição de cargos públicos a pessoas de origem aristocrática, em prejuízo do preceito constitucional estatuído no art. 179, XIV, da Carta de 1824: *Todo o cidadão pode ser admittido aos Cargos Publicos Civis, Politicos, ou Militares, sem outra differença, que não seja dos seus talentos, e virtudes.*¹

Como representante de Minas Gerais, Bernardo estreou na primeira legislatura brasileira (1826-1829). Defensor da monarquia constitucional representativa, não atacava a pessoa do imperador, mas não perdoava o Trono e o Ministério (SOUSA, 1957, V, p. 80). À inglesa, examinava meticulosamente as despesas públicas, entrando em constante testilha com os ministros da Fazenda e da Guerra, que se negavam a comparecer à Câmara ou a justificar os gastos com a Guerra Cisplatina (SOUSA, 1957, V, p. 79).

Para se ter ideia da força moral de Bernardo Pereira de Vasconcellos, basta que se dê notícia, ainda que pela rama, da tumultuada sessão da Câmara dos Deputados do dia 18 de julho de 1829. Julgava-se o ministro da Guerra (general Oliveira Álvares) por excessos cometidos pelas Comissões Militares na apuração da atividade sediciosa dos *republicanos de Afogados* (Recife). Oficiais, simpáticos ao acusado, lotavam as galerias.² Os deputados não tinham como discutir, pois a todo instante eram apupados ou perturbados pelo vozeio e por batidas nos parapeitos de madeira. O ministro da Justiça (Lúcio de Gouveia) gritava a todo pulmão “silêncio”, “ordem”. Ninguém o ouvia. Ninguém se entendia. Bernardo Vasconcellos, o *líder da voz popular do Brasil*, como o chamou o reverendo Robert Walsh,

encarou os baderneiros. Virou-se para os dois ministros e lhes disse que se eles julgavam poder intimidar os deputados, estavam enganados (ARMITAGE, 1943, p. 263). A seguir, pediu ao secretário dos trabalhos (deputado Diogo Feijó) para que lesse o regimento da Casa. Ali estava a solução para a hora. O silêncio e a ordem ganharam o recinto. Os trabalhos prosseguiram. O governo venceu (Oliveira Álvares foi inocentado por 39 votos a 32), mas a autoridade moral de Bernardo prevaleceu e se agigantou (SOUSA, 1957, V, p. 103).

No início de sua vida pública, seja como deputado ou membro do Conselho Geral da Província de Minas Gerais,³ o **mineiro de Ouro Preto** mostrou-se liberal. A despeito da Carta política de 1824 e do mandonismo de dom Pedro I, sonhava com um governo de gabinete, com uma monarquia constitucional. Mesmo enfermo, “chumbado pela paralisia” (NABUCO, 1997, I, p. 42 e seg.), Vasconcellos não deixava de comparecer às sessões da Câmara dos Deputados. Com pernas trôpegas, preferia falar assentado. Mesmo assim intervinha por 4, 6, ou mesmo por 8 vezes por dia (SOUSA, 1957, V, p. 77).

Sem transigir com seus princípios liberais, cevados na Revolução Liberal do Porto⁴ e em grandes doutrinadores como Cesare Beccaria (1738-1794), Jean-Baptiste Say (1767-1832), Benjamin Constant (1767-1830), Jeremy Bentham (1748-1832) e outros, Ber-

Nasceu em 27 de agosto de 1795. Por certo por ser portador do mal gálico, nunca se casou. Vítima da febre amarela, faleceu no Rio de Janeiro em 1º de maio de 1850.

Em carta aberta dirigida ao jornal ouro-pretano *O Universal*, Bernardo disse que ficara sabendo que o presidente da Província de Minas Gerais (Mendes Ribeiro), seu inimigo político, mandara olheiros para descobrir quais eram os amigos que frequentavam sua casa. Respondeu em tom de ironia que seus amigos eram “os Says, os Ganihs, os Benjamin Constants, os Benthams e os Henets”, autores de livros que estavam em sua biblioteca (SOUSA, 1957, V, p. 83).

³ Os trabalhos da Câmara dos Deputados não coincidiam com as atividades dos Conselhos Gerais das Províncias.

⁴ A Revolução portuguesa, que estourou na madrugada de 24 de agosto de 1820 e se estendeu por todo o Reino português e mais tarde pelo Brasil, era um movimento de natureza moderada. Seu objetivo era uma monarquia limitada por uma constituição política (NEVES, 2003, p. 170). Podemos apontar como suas principais causas: a ausência por treze anos da Corte; a falta de convocação das Cortes Gerais (Estados Gerais) desde 1697 (WILCKEN, 2005, p. 251); o triunfo das revoluções liberais americana, francesa e espanhola; o enfraquecimento do popular tenente-general Gomes Freire de Andrade (AMEAL, 1940, p. 612); a extrema penúria econômica dos portugueses, que séculos antes haviam conquistado os quatro cantos do mundo; a divulgação clandestina do jornal londrino “Correio Braziliense”.

¹ Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 29.06.2009.

² Como observa o detalhista reverendo Robert Walsh (1772-1852) em seu livro *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, as galerias da Câmara dos Deputados ficavam sempre apinhadas quando o deputado Vasconcellos falava (Cf. WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985, vol. 2, p. 200).

“Bernardo Pereira de Vasconcellos estava sempre pronto para bandear de lado todas as vezes que o interesse maior da Nação brasileira, em seu incerto amanhecer, o exigisse”

Bernardo Vasconcellos era capaz de mudar radicalmente de posição política.

Sem compreender sua grandeza, sua preocupação com a unidade do país, muitos o apodaram de “trânsfuga político”. Sim, Bernardo Pereira de Vasconcellos estava sempre pronto para bandear de lado todas as vezes que o interesse maior da Nação brasileira, em seu incerto amanhecer, o exigisse. Assim, no início de 1828, com a queda do Ministério Araújo Lima, soube recusar o convite do imperador para que ocupasse pasta no Ministério que então se formava. Não convinha à Nação que ele, naquele momento, deixasse a Oposição. Já em 19 de setembro de 1837, quando empunhou a bandeira regressista, outra era a exigência nacional. O país se achava em perigo. A autoridade, ruída por comoções internas. Ocupou interinamente o Ministério do Império e, em caráter efetivo, o Ministério da Justiça. Outro exemplo de guinada radical está na então denominada “questão servil” (escravatura). Em sua fase liberal, em discurso proferido na Câmara dos Deputados (5 de julho de 1827), defendeu de unhas e dentes a abolição do tráfico de escravo. Como um Mirabeau, disse:

Ah! Senhores, imitemos os estados americanos; o Brasil é hoje o único país do globo que ainda prossegue neste comércio; mudemos de conduta a respeito dos africanos em tudo nosso semelhantes, como comprovam os haitianos.⁵

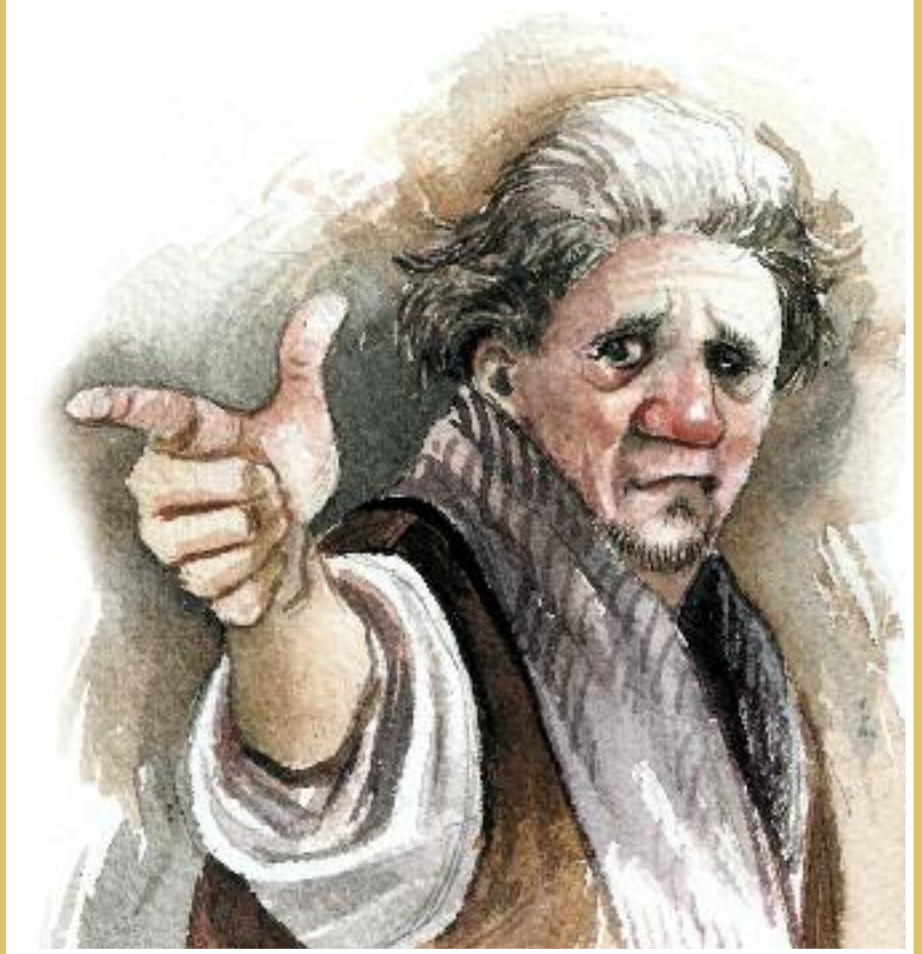
Já em sua fase conservadora, regressista, Vasconcellos toma outro rumo: abraça a causa dos grandes fazendeiros, proprietários de escravos. Sem eles, o império cairia e o país se esfacelaria. *A África civilizava o Brasil.*

⁵ O discurso se acha reproduzido por CARVALHO, José Murilo de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999, p. 54.

Obras Citadas

- AMEAL, João. *História de Portugal*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1940.
- ARMITAGE, João. *História do Brasil*. 3. ed. Rio: Liv. Editora Zelio Valverde, 1943.
- CARVALHO, José Murilo de. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do império*. 5. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, I vol., 1997.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Renavan, 2003.
- SOUSA, Octavio Tarquínio de. *História dos fundadores do império do Brasil: Bernardo Pereira de Vasconcelos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, vol. V, 1957.
- WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985, vol. 2.
- WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

“Em sua fase liberal, em discurso proferido na Câmara dos Deputados (5 de julho de 1827), defendeu de unhas e dentes a abolição do tráfico de escravo.”



Pagulogo, o Pontífice

Manoel Lobato

Nascido no distrito de Araçaí, município de Pocrane, em Minas Gerais, graduou-se em Farmácia no Rio de Janeiro (1949) e em Direito em Vitória, ES (1958), estado em que exerceu a advocacia durante algum tempo; mudando-se para Belo Horizonte, manteve por décadas uma farmácia na Avenida do Contorno, bairro da Lagoinha. Seu primeiro livro – Garrucha 44 – mereceu de Aurélio Buarque de Holanda o seguinte comentário crítico: “[...] a segurança no armar as situações, a verossimilhança psicológica, a excelência do diálogo, a arte da valorização exata e enxuta do pormenor. [...] é um narrador seguro, capaz de se mover com os próprios pés”. Em 1982, ganhou o ‘Prêmio Cidade de Belo Horizonte de Romance’ com “Pagulogo, o Pontífice”. O texto aqui publicado é um dos capítulos desse romance. Aos 84 anos, Manoel Lobato mora em Belo Horizonte e escreve crônicas semanais no jornal O TEMPO

Pagulogo tem uma cicatriz na testa; por gestos me convence de que levou um coice de cavalo, na terra dele. Tem um só olho bom; o cabo Ventura furou o outro com pontapés. Ao cabo, Pagulogo perdeu a cegueira de um dos olhos; ao cavalo, Pagulogo não perdeu o coice, pretende voltar à terra natal para vingar-se.

Pagulogo bebe pinga, vira cavalo e cavaleiro ao mesmo tempo, corre até cair, provoca todo mundo, atira com as duas mãos em forma de revólver. O indicador endurece, igual a cano de 38; precisa soprar o dedo para esfriá-lo. As patas do cavalo tropeiam nos paralelepípedos, assustam os motoristas que param para o cavalo passar; o cavaleiro solta as rédeas, atira a torto e a direito. A boca que faz o estampido dos tiros é a mesma que se transforma no cagador do cavalo e solta peidos para cima; a boca do cavaleiro, que bebe cachaça e rejeita alimentos, é a mesma que relincha e morde o freio. A invisibilidade do freio, como as das rédeas, tem a força das descobertas miraculosas; a gente ouve o rilhar dos dentes brancos, fortes, acavalados. Potro adestrado. A boca do Pagulogo presta só para beber aguardente, além de imitar tiros e peidos; não fala nem come nada, nem sequer sorri.

De uns tempos para cá os botecos não lhe vendem bebidas alcoólicas; muita gente combate o efeito mas tolera a causa. Os donos dos botecos acham que, negando bebidas a Pagulogo, estão contribuindo para a sua felicidade. A verdade, porém, é outra: a cachaça é que lhe traz um pouco de alegria. Não é o vício que lhe faz mal; ele é que – sendo um mal em si mesmo – procura na embriaguez o único bem que lhe sobra na vida.

Pagulogo passa a beber álcool em minha farmácia. Entra, passos curtos, grunhindo “é, é”, vai direto ao ambulatório, pega o litro, vai até a pia, apanha o copo, desdobra o álcool com água, vira na garganta, range os dentes, faz Creta, bufa, bate os pés e trota, ganha a avenida.

Misturo comprimidos no álcool – é vitamina, Pagulogo, tome depressa, vá – ele engole tudo, acredita em mim, fala “é”, sai esdruxulizando, lépido, célico, patético, bélico, assimétrico; deita-se debaixo do viaduto: vai morrer, imagino; a droga o impregna. No outro dia, está mais forte, bem disposto, menos proparoxítono, ainda monossilábico. Cavalo fogaço, galopa no meio da rua; fagulham chispas quando os cascos ferem o asfalto; dá coices para os lados dos carros, as ferraduras com estrume tentam acertar a lataria, levanta o rabo – o braço faz esse papel – solta peidos pelos lábios; os beijos também são as pregas do

toba. O cavaleiro apeia; amarra o cavalo num poste, rincham os dois, irmanam-se. Sem que ninguém o veja, o cavalo espera; o cavaleiro empunha as armas, espreita as esquinas, passeia na calçada da farmácia. A dicotomia entre cavalo e cavaleiro os ilude; ambos, solitários num só corpo, criam um amigo para as conversas irracionais: “é, é”. E se confundem; ninguém sabe quem é mais ele mesmo: cavalo ou cavaleiro.

Tento matá-lo com bolinha todo dia. Ele me chateia demais, espanta minha freguesia, vomita na vitrina, dorme na calçada, mija na porta, um animal de rabo. Toda manhã eu o acordo defronte à farmácia, debaixo da marquise; demora a levantar-se – “é, é” – e entra para lavar a cara na pia. Depois toma a primeira dose de álcool, fica amolando os clientes; quando vê mulher, tomba a cabeça, fita nela o olho bom e encosta o pau no balcão. Pede dinheiro com as mãos estendidas, disfarçando o tesão:

- É.

Solto no pasto, qualquer cavalo toma chuva e não adoce por causa disso. Pagulogo, mesma coisa. Quando lhe jogam água por maldade, a roupa seca no corpo; não pega nem gripe. Nunca muda a roupar para lavar. Se cabo Ventura o espanca, como se fosse o amansador de burro bravo que quer amansá-lo, ele ergue a cabeça para esperar outra chibatada, empaca, fecha o olho bom – solidário com o outro, este sempre de pálpebra caída – “é”, geme apenas. Somente a inflexão do som é que muda. Cabo Ventura quer que Pagulogo vire gente, tenta ensinar-lhe a marcha do quartel, a fim de que não galope nas ruas.

Conheço os momentos de tristeza de Pagulogo, os irracionais também têm seus instantes de melancolia; nesses transes, deixa de ser cavalo, vira boi. Rumina, mastiga seus segredos, abaixa o cangote, não sabe a força que tem, aceita qualquer canga. Espaneja as moscas, que pousam em sua cabeça, com um movimento do braço, como se o braço fosse um rabo de boi.

Ferimento em Pagulogo cicatriza em dois dias, sem medicamento. Lembro-me de que, na fazenda de meu pai, castram-se cachaços na maior imundície; os talhos – suturados com palha – fecham-se depressa no meio da lama. O castrador pega a faca, amola-a no esmeril; o ajudante derruba o leitão, abre-lhe as pernas, os escrotos parece que foram pregados por trás, nas popas; o capador corta o saco do sacana, tira-lhe os bagos, solta o desgraçado no chiqueiro. O capado esfrega o traseiro no barro,

“Pagulogo teve motivo de cobiçá-la. A velha se veste com elegância, usa vestido com decote em vê para mostrar o caminho do umbigo.”

enxurda-se e sara numa semana; engorda, resignado, comendo lavagem porque não lhe dão comida asseada.

Nos Estados Unidos os chiqueiros são limpos. Mas os porcos do Brasil gostam de sujeira, apenas porque ninguém lhes oferece limpeza. Assim Pagulogo é um suíno brasileiro.

Orlando, representante comercial de laboratório farmacêutico, me ensinou que os americanos inventaram a terramicina pesquisando o mofo da terra.

Resolvo dar um banho em Pagulogo. Será um porco americanizado. O infeliz gosta de mim, não sabe que quero matá-lo, como se mata um cachorro doido ou um porco com peste. Entende o que falo, nem sequer desconfia de minhas safadezas; ele me ouve, só responde “é”, muda somente a impostação; eu também o entendo, interpreto suas algazarras, preocupo-me com seu mutismo.

O horário de fechar a farmácia é dez horas da noite. Faltam duas horas. Pagulogo vem chegando, fedendo. Antes de que ele se aproxime de uma das clientes no balcão, chamo-o:

- Vou te dar um banho.
- É!
- Pra esperar o Papa.
- É.
- Com sabonete.
- É...
- Trocar de roupa.
- É?

Saio para lhe comprar calça, cueca, camisa e um par de meias. Quando volto, vejo Pagulogo encostado no balcão, cabeça torta, com seu olho vivo em mira de caçador, pistola pronta para o disparo, engatilhada, pontaria certa em D. Cátia. Proprietária do randevu da rua Curitiba, a raposa nem merece o

descarrego de uma espoletada. Pode até merecer, mas me vem à cabeça a ideia de que posso conseguir uma caça melhor para Pagulogo. O nome verdadeiro de D. Cátia deve ser outro; terá adotado o pseudônimo para lutar; as mulheres arranjam apelido de guerra para a batalha na zona. Não tem jeito de cátiás nenhuma, seja com cê, seja com cá. Esbelta ainda é, apesar da idade; suas inquilinas a chamam de vó Cátia. Tem duas manias: 1ª) a de escrever diário, 2ª) a de falar que tem um filho formado em Medicina. Clinicava aqui em Belo Horizonte, mudou para o Rio depois que descobriu que a mãe estava com câncer nos seios. Amputaram-lhe as mamas, o colo de D.Cátia ficou reto como régua; fizeram a biópsia. Ela procurou Centro Espírita. Houve o milagre: recebeu a mensagem de um papa que lhe pediu um beijo na boca para curá-la. Ela o beijou mordendo os beijos do pai-de-santo. Esse papa falou no Papa que vai chegar ao Brasil, a quem uma inglesa cancerosa deu um beijo e sarou. O espírito desse papa desencarnado informou que a alma de Inocêncio III reencarnou em Pagulogo, motivo pelo qual Pagulogo gosta de andar montado em cavalos imaginários. Inocêncio III, grande cavaleiro, organizou uma cruzada contra os albigenses no século XII.

Nunca vi vó Cátia pelada. Talvez haja cicatriz no lugar dos seios. Sei que ela, de roupa decotada, suscita o interesse de qualquer homem. Pagulogo teve motivo de cobiçá-la. A velha se veste com elegância, usa vestido com decote em vê para mostrar o caminho do umbigo. Usa sutiãs lindos, feitos com exclusividade, cheios de borracha especial, tipo de látex, semelhante à massa de silicone. Ela adapta aquilo ao tórax; quem não a conhece fica doido na hora que bate os olhos nela. Gosta de usar chapéus. Ninguém sabe ao certo, mas o filho deve ter feito plástica em seu rosto para compensar-lhe a amputação das mamas. Corre esse boato. D. Cátia é uma dama autêntica. Ela mesma reconhece: “sou uma artista”.

Quem vê essa velha na rua não suspeita a sujeira de sua alma: uma porca americanizada. Limpeza por fora, instinto para a lama, vó Cátia, embora não seja inglesa, beijou o papa incorporado no terreiro de umbanda. Diz ela que vai beijar o Papa que vem ao Brasil. Telefonou para o filho no Rio pedindo-lhe que a ajude a realizar o plano, a fim de ratificar o milagre da cura. Falou-me com empáfia: “meu filho é médico, pode atestar que tive câncer e sarei”.

Meu pai também tem essa esquisitice de repetir que tem um filho formado em Medicina. Besteira sem sentido mas qualquer pai gosta de contar vantagem desse tipo. Já li anúncio de carro com uma redação deste jeito: “vendo fusca de médico...” Ora, carro de mecânico é que mereceria confiança; por que informar que o fusca é de médico?

Orlando, que me falou sobre terramicina, descobriu em Pocrane uma moça chamada Benvinda, feia como a fome, e casou com ela. Para saber se eu a conhecia, mostrou-me o retrato. Quando fitei os olhos na foto, fiz cara de assustado. Orlando notou meu espanto, explicou sua preferência:

- Filha de médico!
- É?
- Veterinário.
- Quem?
- Dr. Albuquerque.
- Conheci na fazenda do papai um ...
- É esse mesmo.

- Gostava de falar bonito.
- Ainda gosta.
- Está vivo?
- No mesmo lugar.
- Pocrane?
- É.
- Vou escrever pro Dr. Albuquerque.

Nosso diálogo foi interrompido porque senti cheiro de gás sulfídrico, a princípio até pensei que Orlando tivesse dado um peido ao mostrar-me o retrato da Benvinda que, aliás, veio mal. Dr. Albuquerque pôs o nome na filha de Benvinda Aurora da Paz, outra excentricidade do veterinário; gostava das palavras. A moça era uma noite de guerra. Orlando reclamou a catinga: “deixaram algum frasco aberto no laboratório”. Fui examinar, vim para os fundos da farmácia, vi a porta da privada fechada. Bati.

- É.
- Só matando Pagulogo.



O nome

– Filho de sitiante, Pagulogo levou coice de burro quando menino, antes disso ele falava, pedia broa às vendedeiras: pago logo. Perdeu a fala, mas ouve e entende.

[...] Para mim, o epíteto Pagulogo não vem da promessa de pagamento; vem do século XII, no tempo de Inocêncio III. As palavras simples escondem significações profundas. Pagu é latim, segundo aprendi com frei Mota, quer dizer lugar e pode ser a terra natal; em grego significa unido ou ligado. Logo, em grego, é tratado, estudo, o princípio da inteligibilidade, mediador entre o mundo e seu começo; em latim, locu é também morada, lugar.

(Trecho do capítulo 3 do romance.)

“Chamo o Pagulogo de pontífice porque ele foi ‘fabricante’ de pontes imaginárias que ligam o sagrado às safadezas.”

(Declaração do autor.)

Apoio

Marluce Ramos Leão de Almeida

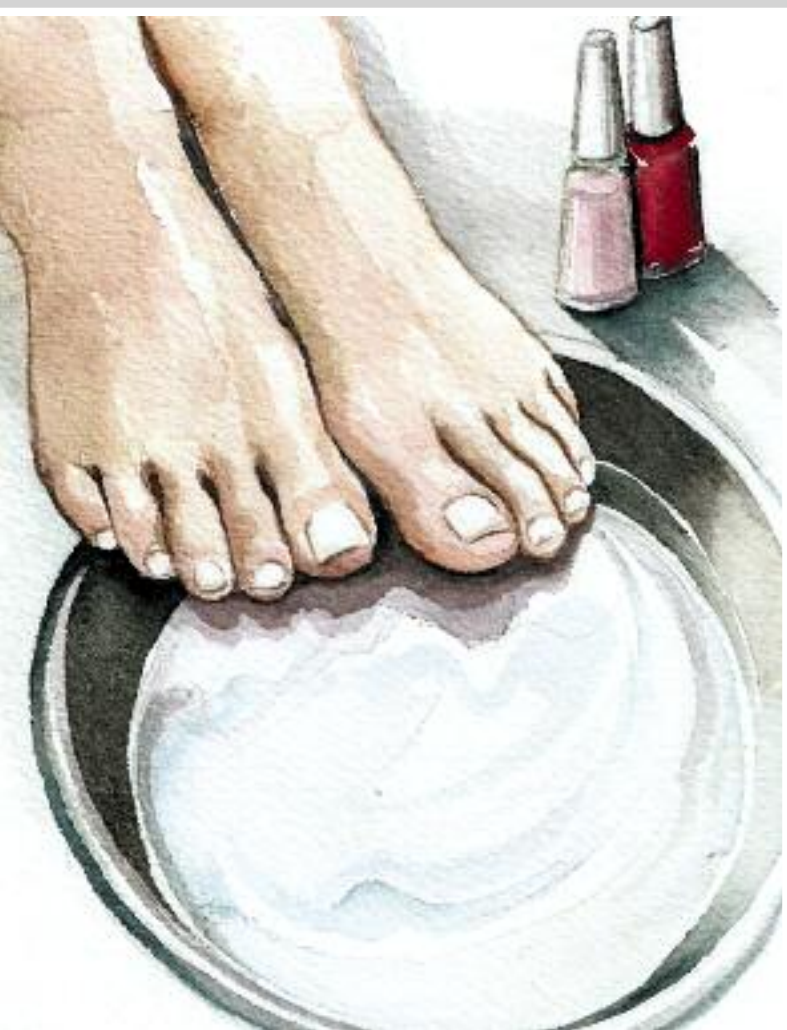
Juíza de Direito aposentada da Justiça Militar

Vou fazer meu pé.
Tirar calos com aspirina,
Pintar unhas.

Vermelho ou claro?

Unhas curtas é certo.
Examino-o detalhadamente.
Sinto uma ternura sem par
Por esse extremo do meu corpo,
Pequeno, largo e gordo.
Tem personalidade, sustância.
Nas andanças da vida,
Aos trancos e barrancos,
Sustenta-me em pé, este meu pé.

Vermelha.



Solitária

Aldina Soares
Juíza de Direito em Araguari

Já entendi.
Minh'alma não vive aqui.
Meu Corpo resiste
ao ardor do dia.

Assossegada na cama,
a âni^{ma}
Anseia eternidade.

Enlouquecida pela ausência
da vida humana;
Da mãe, dos Irmãos;

Do Amor rezado junto,
na Catedral;
Em genuflexão,

Solitária,
Tenta emergir rarefeita.
Mas, encorpada, sobrevive e sofre,
Suporta-se, sustenta-se.

Sonífero, o choro sibila noturno.

Para seguir adiante
alma, como pode ser e é,
vai aberta, fácil e transparente
discorrendo em frases finas
e sutilezas serviçais,
o não feito;

O desejo arrancado a fórceps.

Amar, Amor,
requer coragem, valentia,
alma sem laçarotes amarelados,
mosaicos de fantasia.

Amor: - Seu amar
quebrou a perna; titubeou.
desencantou.

Uma lágrima por dia o Lamenta,
Outra, o Alimenta.





Os grandes filmes da história

Muitas listas escolhem os dez, cem ou 500 melhores.
Eu também tenho a minha.

Sérgio Braga

Desembargador do TJMG, aposentado

Em 1995, por ocasião do centenário da invenção do cinema, da célebre primeira exibição dos filmes dos irmãos Lumière, em Paris, pretensiosamente, como eu tinha uma coluna semanal publicada em alguns jornais – como o DIÁRIO DO COMÉRCIO, de Belo Horizonte, e O CATAGUASES –, resolvi dar os meus palpites e selecionar os maiores filmes da história do cinema. Para justificar o que fazia, falei do meu envolvimento com o mundo do cinema: um curso na Universidade Federal de Juiz de Fora, organizado pelo Décio Lopes, figura mítica da “Manchester Mineira”, e a coluna cultural que mantive, por dois anos, em alguns jornais da rede dos Diários Associados, ao tempo em que, trabalhando como repórter da extinta Agência Meridional, ainda estudava Direito no Rio de Janeiro.

E cheguei a uma lista de 71 filmes. De lá para cá, com a explosão das edições no formato DVD, e a multiplicação dos lançamentos, contemplando verdadeiras raridades, antes só disponíveis em poucas cinematecas pelo mundo, assisti a muitos filmes dos quais apenas ouvira falar. E senti que estaria na hora de atualizar minha relação.

Antes de adicionar os novos títulos importantes, é preciso que se diga que o cinema, muito mais do que apenas entretenimento ou diversão, é para mim como se fosse o fornecimento de uma linguagem diferenciada aos pensadores que, a partir do século XX, passaram a se exprimir através de seus filmes e não mais apenas por tratados ou livros. E como a linguagem audiovisual ganhou um avanço tecnológico fantástico, as novas gerações têm muito mais referências para citar e nas quais apoiar suas posições no mundo a partir de obras cinematográficas do que mesmo em grandes clássicos da literatura. Muitos até insistem que o livro tem seus dias contados.

É por isso que estranho que diversas listas, que deveriam ser mais criteriosas, abarquem obras duvidosas e que, de significado maior, possuem apenas a boa diversão que proporcionaram em dado momento. Aliás, a regra – na maioria das listas que andei pesquisando – é baseada num critério de mercado, de filmes que fizeram sucesso tanto de público quanto financeiro.

Uma enciclopédia de erros

Começamos por analisar *501 filmes que merecem ser vistos*, editada pela Larousse originalmente em Londres, em 2004, e no Brasil em 2009¹. A obra, que não tem autor definido, divide os filmes selecionados entre diversas categorias, o que me parece,

¹ *501 filmes que merecem ser vistos*. Editada pela Larousse originalmente em Londres, em 2004 e no Brasil em 2009

de antemão, algo duvidoso. Afinal de contas, necessariamente, entre os grandes filmes do cinema, não vejo por que agrupá-los como filmes de *Romance* ou de *Guerra* ou de qualquer outro tipo. O que interessa é que ele seja realmente importante e tenha aberto, com sua edição, novas perspectivas para o pensamento e para o cinema.

Da lista deste trabalho, definitivamente, há algumas dezenas que, se podem ser considerados grandes sucessos comerciais e bons filmes como passatempo, nada acrescentaram à sétima arte.

É bem verdade que o livro, segundo os autores, foi pensado para os que chegam agora diante de toda a obra realizada pelo cinema e se perguntam o que devem ver para terem uma boa visão sobre esta arte. Mas, com efeito, nenhum filme de Antonioni?! E de Visconti, o autor de obras fantásticas como *O Leopardo* e *Rocco e seus irmãos*, para ficarmos apenas em duas citações?

Assim, livros como esse da Larousse não se justificam e, portanto, não merecem maiores atenções. Pelo contrário, a salada que recomendam pode ser por demais indigesta.

O chauvinismo norte-americano

Quando exibimos no Cineclube do TJMG *A Regra do Jogo*, indiscutivelmente uma das obras-primas do francês Jean RENOIR, tentei dar uma ideia dos atropelos e absurdos que faziam em nome do cinema, com a elaboração de listas sem nenhum significado. Veja-se o caso da lista do American Institute Film Culture, divulgada em 1998. Sobre essa lista, acentuei:

“E aqui o absurdo é tamanho em termos de visão mais ampla sobre a história do cinema que os 19 primeiros títulos citados são todos de produções norte-americanas ou inglesas. Realmente, para os norte-americanos, o mundo só existe para eles. O primeiro estrangeiro da lista é o tcheco Milos Forman, num dos filmes que realizou nos EUA, que é o realmente importante Um estranho no ninho.

É o mesmo Milos Forman quem quebra uma nova sequência de chauvinismo norte-americano, lá pelo 53º lugar, com Amadeus, outro de seus grandes filmes.

Francamente, uma lista que coloca Tempos Modernos na modesta 81ª posição, em benefício de Casablanca, em 2º lugar, e inclui coisas como Tootsie, que é apenas uma boa piada, em 62º lugar, não é uma lista que mereça maiores comentários ou mesmo respeito. Não é coisa séria. Por isso não vamos mais perder tempo com ela.”

“Aqui a relação é bem mais comportada, sem a atenção apenas para as videolocadoras e seus filmes apelativos.”

No mesmo artigo, abordei também uma lista inglesa, dizendo:

“Bem mais preocupada em realmente avaliar o conjunto do cinema ao longo de sua história, a seleção do British Film Institute, também divulgada em 1998, merece respeito. Nela vamos ver títulos de autores como os franceses Jacques Tourneur, Abel Gance, Dreyer, Jean Renoir, Jean Vigo, François Truffaut e Jean Luc Godard, bem como do sueco Victor Sjöström.

Ali temos ainda filmes dos alemães Robert Wiene, Stroheim, Murneau, Fritz Lang, Max Ophuls, bem como dos russos Dziga Vertov, Eisenstein e Tarkovski. Também aparecem o indispensável inglês Charles Chaplin e vários norte-americanos como Capra, Hawks, Leo McCarey, John Ford, Orson Welles, John Huston, Vicent Minelli, Griffith, Gene Kelly, Cassavetes, Coppola, Scorsese e Spielberg.

A reluzente presença do espanhol Buñuel atesta a seriedade com que se realizou essa avaliação, que destaca também, entre os italianos, Roberto Rossellini, Fellini, Visconti, Bertolucci e Elmano Olmi. O japonês Akira Kurosawa também teve reconhecida sua importância ao lado dos poloneses Andrzej Wajda e Polanski e do grego Theo Angelopoulos.

Um destaque especialíssimo deve ser feito ao brasileiro incluído em tão seleta companhia, como destaque do ano de 1964, que é Nelson Pereira dos Santos, e seu *Vidas Secas*”.²

² BRAGA, Sérgio - em *Resenhas, Leituras Reflexões*, Cineclubes TJMG – 5 Anos de história, edição do próprio TJMG, 2008, p. 45.

³ *El cine – Historia del cine. Tecnicas y procesos. Actores e directores. Diccionario de terminos. 100 grandes películas*. Edição da Larousse, cabendo a Núrya Lucena Cayuela a direção editorial e a Pablo Mérida de San Román a redação dos textos. A obra saiu em Barcelona, em 2003.

Um dicionário com cem indicações

Quando estive na Argentina, achei numa belíssima livraria de Buenos Aires um livro bem mais interessante sobre cinema: *El cine – Historia Del Cine. Tecnicas y Procesos. Actores e directores. Diccionario de terminos. 100 grandes películas*. Por coincidência, este também foi editado pela Larousse, cabendo a Núrya Lucena Cayuela a direção editorial e a Pablo Mérida de San Román a redação dos textos. A obra saiu em Barcelona, em 2003.³

Aqui a relação é bem mais comportada, sem a atenção apenas para as videolocadoras e seus filmes apelativos. E não se pretende definir quais seriam as 100 obras mais importantes do cinema. Busca apenas indicar alguns filmes importantes que não podem ser esquecidos ou que precisam ser lembrados sempre.

A lista se abre com o que seria o maior filme de todos os tempos, *O encouraçado Potemkin*. Seguem-se alguns títulos realmente indispensáveis tais como *Apocalipse now*; *Blade Runner*; *Bonnie and Clyde*; *Cidadão Kane*; *Os Incompreendidos*; *Um corpo que cai*; *La dolce vita*; *2001, uma odisséia no espaço*; *A grande ilusão*; *Metropolis*; *Laranja mecânica*; *A paixão de Joana D’Arc*; *Roma, cidade aberta*; *O último tango em Paris*; *Viridiana*; e *Z*.

Como se vê, a maioria das indicações é realmente de grandes filmes. Contudo, há escorregões que não podem ser aceitos, mesmo que se respeite a paixão de um ou outro crítico ou historiador. As presenças de *Dançando com os lobos*, *Cleópatra*, *O exorcista*, *O expresso da meia-noite*, *Grease – Nos tempos da brilhantina*, *Matrix*, *Rocky, o lutador*, *O homem Aranha*, *Titanic*, *Toy story*, *Tubarão* e *A vida é bela* são extremamente duvidosas e, ao nosso ver, inviabilizam que se aceite francamente todo esse trabalho. Mais uma vez, há visivelmente uma preocupação com sucessos de público e não com o cinema que, muitas vezes não tem grande público, mas é inovador, descortinando novas ideias e caminhos dentro da sétima arte.

Polêmica, mas eclética

Ronald Bergan é o autor de outro livro algo polêmico: *Cinema – História – Gênero – Cinema mundial – Diretores de A a Z – 100 melhores filmes*, editado pela Zahar em 2007⁴. E aqui já existe a nítida preocupação em se listar quais seriam os grandes filmes da história, os cem principais. E as extravagâncias são bem menores, como *Nosso barco, nossa alma*; *Um país de anedota*; *Tudo que o céu permite*; *The Chelsea girls*; *Nashville*; *Veludo azul*; *Uma janela para o amor*; *Quatro casamentos e um funeral*; e ainda: *Toy story*, *Traffic* e *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*.

Temos de reconhecer, contudo, que Ronald Bergan, pelo menos, teve a coragem de reconhecer o cinema não como um fenômeno só de Hollywood, dando destaque para filmes importantíssimos, como os alemães *O gabinete do Dr. Caligari*, *O Casamento de Mariam Braun*, *Nosferatu, o vampiro*, *Metropolis*, *Olímpia*, *Aguirre* e *A cólera dos deuses*; os russos *O encouraçado Potemkin* e *Andrey Rublev*; os franceses *Napoleão*, *O martírio de Joana D’Arc*, *Um cão andaluz*, *O Atalante*, *A regra do jogo*, *O boulevard do crime*, *Orfeu*, *Os incompreendidos*, *Acossado* e *O ano*

⁴ BERGAN, Ronald, *Cinema, História - Genero - Cinema mundial- diretores de A-Z – 100 melhores filmes*. Edição da Zahar, 2007.

⁵ EBERT, Roger, *A magia do cinema – Os 100 melhores filmes de todos os tempos*, Ediouro, 2004.

passado em *Marienbad*; os italianos *Obsessão*, *Ladrão de bicicletas*, *A doce vida*, *A aventura*, *A batalha de Argel*, *O Inconformista* e *Cinema Paradiso*; os japoneses *Roshomon* e *Era uma vez em Tóquio*; o indiano *A canção da estrada*; o sueco *O sétimo selo*; o polonês *Cinzas e diamantes*; os chineses *Lanternas vermelhas* e *Amor à flor da pele*; o iraniano *Através das oliveiras*; e, ainda, o brasileiro *Cidade de Deus*.

Uma lista ambiciosa

Bem mais ambicioso do que os livros que examinei rapidamente acima, é o de Roger Ebert, *A Magia do cinema – Os 100 melhores filmes de todos os tempos* analisados pelo crítico de cinema que se anuncia como o único ganhador do Prêmio Pulitzer, que saiu pela Ediouro em 2004⁵. O autor não esconde sua preferência por alguns filmes bem duvidosos de terem direito de figurar nesta lista. É bem verdade que a maioria dos trabalhos comentados está realmente entre o que há de melhor na história do cinema.

Mas, francamente, incluir *Basquete blues*, *Corpos ardentes*, *Curva do destino*, *JFK – a pergunta que não quer calar*, *Ladrão de alcova*, *Nashville*, *Palavras ao vento*, *Portais do céu*, *Rede de intrigas*, *Ritmo louco*, *O Samurai*, *O silêncio dos inocentes* e *A tortura do medo*, este último de péssima qualidade, empana o brilho de sua relação.

Reconheça-se que fazer uma lista com a pretensão de ter a seleção definitiva dos maiores filmes de todos os tempos é uma tarefa quase impossível. Eu, por exemplo, quando assisti a *O mensageiro do diabo*, que todos os livros citados até aqui destacam como uma grande obra, tive uma enorme decepção, pois o achei muito fraco e com vários pontos discutíveis, a começar pela incensada atuação de Robert Mitchum, que me pareceu forçada e até ridícula em um ou outro momento.

Uma lista de brasileiro

José Lino Grunewald, crítico que escrevia no CORREIO DA MANHÃ, ao tempo que este jornal foi o mais importante de todo Brasil, antes de ser massacrado pelo Golpe de 1964, por abrigar tantos pensadores independentes, em seu livro *Um filme é um filme – O Cinema de Vanguarda de 60*, organizado postumamente por Ruy Castro, fez um trabalho fixando quais seriam os trinta pilares do cinema⁶.

Sua lista se abre com *O ano passado em Marienbad*, de Resnais, seguido de *Cidadão Kane*, *Luzes da cidade*, *Outubro*, *Uma mulher para dois*, *Tempos modernos*, *Aurora*, *Hiroshima, meu amor*, *L'âge d'Or*, *O encorajado Potemkin*, *Lola Montés*, *Ladrões de bicicleta*, *Um corpo que cai*, *Sob os tetos de Paris*, *Napoleão*, *Acossado*, *Metrópolis*, *Umberto D*, *Ménilmontant*, *Os Pássaros*, *A Aventura*, *Siegfried*, *O Martírio de Joana D'Arc*, *Punhos de campeão*, *O boulevard do crime*, *Primavera*, *Zero de condutite*, *O último milionário*, *Meu tio e Intolerância*.

A rigor, é de se estranhar nesta lista, a presença do desconhecido *Ménilmontant*, de Dmitri Kirsanoff e *Primavera*, de Robert Z. Leonard. Quanto aos demais, todos são, reconhecidamente,

⁶ GRUNEWALD, José Lino, *Um filme é um filme – O Cinema de Vanguarda de 60*, que foi organizado postumamente por Ruy Castro. Companhia das Letras, 2001.

“O autor não esconde sua preferência por alguns filmes bem duvidosos de terem direito de figurar nesta lista.”

grandes obras. Pode-se estranhar a ausência de um Visconti ou de um Ford, mas é preciso que se reconheça que, tirando os dois filmes citados acima, nada de se estranhar em tal relação.

Mesmo porque quem conhece *Primavera*, como eu, e gosta de filmes musicais, sabe que realmente se trata de um grande melodrama, com a fortíssima presença de Jannete McDonald, que reinou nas operetas por um bom número de anos. Eu preferiria *A viúva alegre*, belíssima comédia com toda a sofisticação de Ernest Lubstch, mas *Primavera* é realmente um ótimo filme, de 1937, abrindo o mundo dos musicais para o cinema.

A boa lista de Beylie

Chego agora a um livro precioso, que muito me tem ajudado na programação dos filmes para o Cineclube do TJMG: *As obras primas do cinema*, de Claude Beylie. E é lógico que sua primeira citação seja exatamente *A chegada do trem na estação*, dos irmãos Lumière, o início do cinema, exibido em 1895, em Paris.

A partir daí, o livro vai destacando o que acha mais importante, como *A história de um crime*, de Ferdinand Zecca, de 1901; *Viagem à lua*, de Meliès, de 1902; *O grande roubo do trem*, de Edwin S. Porter, de 1903, até chegar a um filme ‘maldito’, *O nascimento de uma nação*, de Griffith, de 1915. Maldito por quê?

Bem, certamente se não fosse o tema, esta obra poderia disputar tranqüilamente com *O encorajado Potemkin* o título de maior filme de todos os tempos. Feito no alvorecer do cinema, praticamente inventou tudo em termos de técnica narrativa, com cenas complicadas de corridas de cavalos, cercos, tiroteios, perseguições, panorâmicas e efeitos de montagem alternada, tudo para narrar o surgimento da Ku Klux Klan, que teria sido criada no sul dos EUA exatamente para corrigir as distorções do governo e controlar a criminalidade entre os negros. O filme é

⁷ BEYLIE, Claude, *As obras primas do cinema*. 1ª Ed, abril de 1991, editora Martins Fontes.

“Beylie tem outro grande acerto na sua relação, ao privilegiar diversas obras de um mesmo diretor, percebendo que o cinema não é um produto isolado e de momento de um ou outro artesão, mas que guarda uma grande unidade na obra de todos os principais diretores, na sua produção ao longo da vida.”

um hino a um mundo ‘justo e humano’, desde que sem negros no poder e com a Ku Klux Klan distribuindo sua incendiária justiça pelos EUA.

Ainda hoje o filme é visto como racista e revanchista, em relação ao resultado da guerra civil norte-americana. E é indefensável no ataque que faz aos negros, genericamente falando, o que o tornou um trabalho ideologicamente difícil de ser defendido, ao contrário do que ocorre com o filme de Eisenstein, que comove até mesmo quem não é comunista, mas que se coloca ao lado dos marinheiros explorados e injustiçados de *Encouraçado Potemkin*.

Beylie tem outro grande acerto na sua relação, ao privilegiar diversas obras de um mesmo diretor, percebendo que o cinema não é um produto isolado e de momento de um ou outro artesão, mas que guarda uma grande unidade na obra de todos os principais diretores, na sua produção ao longo da vida.

Assim, do mesmo Griffith, ele cita ainda *Intolerância*, de 1916; de King Vidor, que anda meio esquecido, indica *A Turba*, de 1928, bem como *Aleluia*, de 1929, e *O pão nosso*, de 1934; de Robert Flaherty, aponta *Nanook, o esquimó*, de 1922

Atento ao cinema em todo mundo, não deixa de destacar *O gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, de 1919. E na sua lista – como na minha – não podia faltar o gênio alemão de Erich Von Stroheim com o seu imperdível *Ouro e maldição*; ou René Clair, com *Entreatos* e *O Milhão*; o Fritz Lang de *Metrópolis*, *O vampiro de Dusseldorf* e *Retrato de mulher*, todos desse que foi um dos maiores gênios do cinema; o show e as aulas de como se deve fazer um documentário da nazista Leni Riefensthal em *Triunfo da vontade*; a sofisticação de Ernest Lubitsch em *Se eu tivesse um milhão* e, ainda, de *Ser ou não ser*; *Uma História de amor*, *Lola Montés* e *A casa ao lado*, de outro fugido da Alemanha que realizou filmes belíssimos e inventivos que foi Max Ophuls; o Alfred Hitchcock de tantos sucessos como *Os 39 degraus*, *Pacto sinistro* e *Janela indiscreta* e outros tantos que fizeram belos filmes ao longo dos anos também estão na lista de Beylie.

As extravagâncias de Beylie são mínimas, como *A Condessa descalça* e *A tortura do medo*. É por isso que seu livro acabou por se impor como um dos melhores manuais sobre o cinema e é tão citado por mim.

Esse crítico chegou ainda a uma posição de incrível justiça, arrolando em sua lista *A general*, de Buster Keaton e, ao seu lado, *Em busca do ouro* e *Tempos modernos*, ambos de Chaplin. Explico melhor: para os norte-americanos, Keaton é mais importante do que Chaplin, o que é um pecado inominável. É preciso inventar um inferno para jogar esses pecadores pelo resto da eternidade no fogo...

O problema é que Chaplin, bem próximo do comunismo, andou irritando profundamente a alma norte-americana em filmes como *O grande ditador*. E ele falava de temas universais. Seu vagabundo nunca perde a esperança, mas sempre sai derrotado em direção ao infinito, embora esperançoso do que vem adiante. Ao contrário, Buster Keaton encarna como poucos a alma dos cidadãos dos EUA, ao sempre começar sendo humilhado em seus filmes para, no final, triunfar como vencedor absoluto. É o triunfo do individualismo, tão caro aos norte-americanos.

Bem, já é hora de transcrever aqui o artigo que escrevi em 1995 e que venho tentando corrigir ou do qual pretendo cobrir alguma falhas.

Minha lista de 15 anos atrás

Minha primeira paixão cultural foi o cinema. Por isso, quando se comemoram os seus 100 anos, peço desculpas para invadir seara alheia e sair falando dos filmes que mais me marcaram, sem a preocupação de limitá-los a 10 ou classificá-los pela ordem de importância. Reconheço, entretanto, de antemão, que minha tia estava coberta de razões quando dizia, em tom de censura, que “esse menino nasceu com mania de dar palpite!”.

Durante os muitos anos em que assisti a todos os filmes, dos importantes aos banais, colecionando livros, jornais e revistas, sempre buscando um conjunto de informações desses que compõem o grosso da cultura inútil dos tempos contemporâneos, sonhei com uma ocupação atrás das câmaras. Vivendo minha juventude em Juiz de Fora, onde a televisão não tinha os apelos de hoje e as diversões eram eclesiasticamente dosadas, montei um diário onde cada filme tinha um código. Assistia a um filme, lançava no caderno e fazia mil e uma anotações com o código em outras folhas destinadas a saber quantos filmes havia visto desse ator ou diretor ou desse país.

Nessa época, conheci uma dessas figuras realmente geniais, uma pessoa de origem muito humilde, mas que tinha uma vocação para o cinema que nunca mais encontrei: Décio Lopes vivia e comia cinema. Tudo que sabia vinha dos filmes a que assistia compulsivamente como eu. Ele organizou, certa feita, não se sabe como, com a complacência da UFJF, um curso de cinema, que durou quatro meses. Nesse período, assistíamos a três ou quatro filmes por dia, além de ouvirmos palestras de professores como Alex Vianny e Leon Hirshmann.

O apoio da Universidade possibilitou a vinda de filmes de diversas embaixadas, como os dos irmãos Lumière e outros de Méliès, que chegaram da França, bem como os grandes clássicos russos, *Potemkin*, *Ivan*, *o Terrível*, *A Greve* e *A Mãe*. *Louisiana Story* esteve no Brasil por uma semana: Juiz de Fora estava no roteiro e assistimos a essa obra-prima de Robert Flaherty. Da Alemanha vieram filmes de Dreyer, como *Vampyr* e *A Paixão de Joana D’Arc*, *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene, *Nosferatu*, de Murnau, e *Ouro e Maldição*, de Erich von Stroheim. Ao todo, nesses 4 meses, assistimos e reassistimos a 120 filmes: eu não perdi nenhum!

Décio Lopes tinha histórias incríveis. Uma vez, quando José Paulo Neto chegou do exílio, Décio passou a noite toda contestando suas colocações em torno de *Obra Aberta*, de Umberto Eco. No início da manhã, desesperado com a dialética de José Paulo, Décio entregou os pontos, nocauteando o adversário, ao dizer que iria ler o livro para poder aprofundar as discussões noutra oportunidade.

Nesse ambiente, onde passávamos noites e mais noites discutindo filmes e seus diretores, acabei tornando-me um escravo dessa paixão, que cultivo até hoje, embora bem menos do que desejaria, pois o dia continua tendo apenas 24 horas. Mesmo assim, entendo-me um privilegiado nessa área, tanto que me animo, para desespero de minha tia, a dar alguns palpites sobre os melhores filmes da história do cinema.

Os meus melhores

Em termos de distância, o primeiro nome que destaco é o de Serguei Eisenstein. Se *Encouraçado Potemkin* é quase uma unanimidade, pelo sentido de movimento de massa e da



estética da revolução, confesso minha admiração também por *Ivan, o Terrível*, que fala da gestação de um grande estado.

Outro gênio impossível de ser esquecido é o de Charles Chaplin, Difícil escolher sua melhor obra, pois *Tempos Modernos* e *Em Busca do Ouro* são, entre outros, dois instantes maravilhosos. O alemão Fritz Lang, que conheci nesse curso de cinema em JF, tem dois filmes pelos quais sou apaixonado: *Metrópolis* e *M, o vampiro de Dusseldorf*. Aliás, algumas vezes andei citando o grande “penalista e filósofo do direito” Fritz Lang, colocando em apuros quem não o conhecia, que acabava tendo de aceitar tais citações para poder, discutindo-as, buscar outras conclusões. Tudo por causa de *M*, onde todos os marginais de Dusseldorf se unem para julgar um estuprador de crianças que estava açoitando a polícia. Numa das grandes cenas do cinema, eles, numa velha cervejaria, indicam entre eles um que deverá, obrigatoriamente, fazer a defesa do estuprador.

Outro diretor que cultuo é o italiano Michelangelo Antonioni, de quem destacaria diversos filmes. Mas o que mais me marcou foi *Blow up*, perfeita apresentação da civilização ocidental contemporânea e de suas futilidades. Ainda da Itália, como esquecer de *Rocco e seus Irmãos* ou *O Leopardo*, de Luchino Visconti? Ou o impactante *O Bandido Giuliano*, de Francesco Rossi?

Como escolher uma obra mais marcante do genial espanhol Luiz Buñuel? Não saberia como optar por *Viridiana* ou *O fantasma da liberdade*. Em ambos existem cenas antológicas. No primeiro, a do banquete dos mendigos reproduzindo a Santa Ceia, de Da Vinci. No segundo, a descrição da loucura humana nos olhos de alguns animais atônitos, de um zoológico, a quem chegam apenas os ecos e o espocar de bombas de uma represão policial.

E John Ford? Admito que já assisti mais de 10 vezes a três de seus filmes: *O homem que matou o facinora*, *Paixão dos fortes* e *Rastros de ódio*. Qualquer um deles é indispensável.

Do Japão reservo um lugar todo especial para Akira Kurosawa, de quem assisti à maioria dos filmes. Dentre eles, destaco *Ran*, que me pareceu visualmente o mais exuberante, sem falar na cena final que representa, como poucos momentos, o absurdo da existência.

Da Suécia existe um nome inesquecível que é o de Ingmar Bergman. Se seus filmes são terríveis no sentido de nos provocarem grandes depressões, exatamente porque lidam com a fragilidade humana, o certo é que *Morangos silvestres*, *Gritos e sussurros* e *Fanny e Alexander* são obras-primas.

Outra de minhas fixações é o cinema de Stanley Kubrick. Ao contrário dos que destacam *2001, uma odisséia no espaço* ou *Dr. Fantástico* como suas obras máximas, se tivesse de apontar minha preferida indicaria *Laranja mecânica*. De Alfred Hitchcock tenho duas preferências: *Um corpo que cai*, o máximo de suspense a que chegou e *Os Pássaros*, que é o pavor na sua manifestação mais pura.

Se já excedi qualquer cota de razoabilidade, aproveito para falar de alguns outros nomes que creio marcantes. Como o de John Huston de *O segredo das jóias*; *O tesouro de Sierra Maestra* e, mais recentemente, *A honra do poderoso Prizzi*; ou de Marco Ferreri e o seu desconcertante *Crônica do amor louco*. Ou de Billy Wilder e os seus impressionantes *Crepúsculo dos Deuses*, *A Montanha dos sete abutres* e ainda de *Quanto mais quente melhor*.

Não poderia esquecer o neo-realismo de Vittorio de Sica em *Ladrão de bicicletas* e o de Rossellini em *Roma, cidade aberta*.



E Willian Wyler, autor de dezenas de grandes filmes como *Pérfida*, baseado numa peça de Lillian Hellmann. E do chocante realismo de *A turba*, de King Vidor.

No campo dos musicais, destaque absoluto para *West side story*, de Robert Wise, e *Cantando na chuva*, de Stanley Donen. Não se pode esquecer, contudo, de *A roda da fortuna*, de Vicent Minnelli que é também maravilhoso.

O francês Alain Resnais tem dois filmes envolventes: *A guerra acabou* e *Providence*. E há *Um homem, uma mulher, uma noite*, de Costa-Gavras, filme em que há uma cena das mais desconcertantes ao se descrever o que a paixão faz nas pessoas: Romy Schneider e Yves Montand, saídos de tragédias pessoais, encontram-se na noite e saem de carro por uma larga avenida; a polícia intervém porque eles estão na contramão; assustados, eles pedem desculpas, mas logo retornam à contramão, sem se aperceberem de nada.

Tenho algumas adorações especiais mais recentes como *Blade Runner*, de Ridley Scott; *O último tango em Paris*, para mim o grande filme de Bertolucci; o belíssimo e nostálgico *Cinema Paradiso*, de Tuornatori; e *A festa de Babette*, de Gabriel Axel. De Bertolucci, destaco ainda o incômodo e desconcertante *O Céu que nos protege*.

Para finalizar e ver se não irrito muito minha tia, lembro um grande filme brasileiro, a que assisti empolgado por diversas vezes que é *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Entre outras coisas, aprendi com essa obra, quando emprestei o disco com sua trilha sonora, que discos e livros não foram feitos para serem emprestados.

De Coppola tenho dois filmes preferidos: *O poderoso Chefão - nº 2*, que consegue ser bem melhor do que o primeiro, e *Apocalypse now*, que nos mostra os valores da civilização capitalista em pleno Vietnã, quando as “playmates” chegam num acampamento para dar tirinhos de água nos soldados.

Cito também o desconcertante *O Homem do prego*, de Sidney Lumet, que me impressionou terrivelmente quando a ele assisti pela primeira vez.

Para que ninguém me chame de extravagante ou esquecido, cito o filme que encabeça a maioria das listas que vêm saindo na imprensa, *Cidadão Kane*, que realmente revelou toda a genialidade de Orson Wells.

E acho lugar para falar ainda de dois filmes dos quais raras pessoas se lembram, mas a que também assisti, como todos acima, diversas vezes, tanto quanto possível: *Dois destinos*, do italiano Valério Zurlini, e *Aquele que sabe viver*, do também italiano Dini Risi.

Como se vê, depois de começar falando da minha lista de 10 melhores e acabar por arrolar 71 filmes, não há como se possa deixar de concordar com minha tia: ando, cada vez, dando mais e mais palpites.

“Revendo esta minha lista de 15 anos atrás, fico pensando qual foi a minha pretensão em me meter numa área tão cheia de entendidos.”

Minha lista de agora

Revendo esta minha lista de 15 anos atrás, fico pensando qual foi a minha pretensão em me meter numa área tão cheia de entendidos de todos os lados, sem ter assistido, ainda, a alguns outros filmes indispensáveis a quem pretenda falar sobre todo o cinema, no mundo inteiro. E para cobrir um pouco minhas falhas, pergunto-me como pude esquecer-me de duas das obras máximas do expressionismo alemão, que foram *A última gargalhada* e *Aurora*, ambas de Murnau?

Em se falando de Japão, e *O idiota*, de Kurosawa? E, ainda do mesmo Kurosawa, *Roshomon* e *Viver*? E os impressionantes e quase religiosos filmes de Yasujiro Ozu, a começar pelo tocante *Contos de Tóquio*, talvez o mais delicado dos filmes da história do cinema? Para tirar as dúvidas sobre a força desse autor, veja-se ainda *Meninos de Tóquio*.

Recentemente disse que se tivesse de ficar preso em uma ilha só com um diretor e seus filmes, não teria dúvida em indicar a obra de John Ford, de mais de 130 filmes. Na maioria, gostosos de serem assistidos. Raras vezes Ford escorrega. E mais três de seus filmes me parecem também que não podem deixar de ser citados: *O delator*, que fez na década de 1930, falando de um traidor entre os que lutavam pela liberdade da Irlanda, e o incrível *Cavalo de ferro*, ainda mudo, de 1924, que fala da construção da estrada de ferro que varou os EUA, com uma agilidade incrível. São quase duas horas de filme mudo e não há cansaço que nos faça sair diante da tela. O terceiro é um filme que revi há algum tempo e já reassisti diversas vezes, sempre encantado: *Depois do vendaval*. Já li em algum lugar que este seria o maior filme de todos os tempos para um determinado crítico. Lamentavelmente não consigo localizar esta citação. Mas, como entretenimento inteligente, como cinema e como obra humana, este filme realmente está num patamar bem mais elevado do que os incontáveis trabalhos que tentaram captar seu clima ou seus efeitos.

O polonês Andrezej Wajda é outro autor que cresceu muito de importância nos últimos anos. *O homem de mármore*, que teve influência até na queda do comunismo polonês, é obra indispensável, muito embora tenha sido filmado com uma péssima película, ainda dos tempos da dominação russa.

Da Polônia ainda cabe lembramos de Krzysztof Kieslowski e sua obra *O decálogo*, que tem passagens impactantes, como o capítulo dedicado ao mandamento que fala em honrar pai e mãe.

Já que falamos dos países do Leste Europeu, ou seja, detrás da antiga cortina de ferro, e a obra do russo Tarkovski? Como deixar de lado, além de *Rublev* e *O sacrifício*, filmes como o desconcertante *Stalker* e o impressionante *A infância de Ivan*?

Da França, como pude deixar de lado *Noite e neblina*, documentário sobre os campos de morte da 2ª grande guerra do século passado e ainda *Hiroshima, meu amor*, ambos do renovador Alain Resnais? E a poesia que é *O Atalante*, de Jean Vigo? E o famoso *Napoleão*, de Abel Gance, um dos filmes sobre os quais as lendas são incríveis, entre as mais ricas da história do cinema? E *Os guarda chuvas do amor*, um dos filmes mais bonitos e delicados do cinema, com uma trilha sonora incrível de Michel Legrand?

Só há pouco tempo pude ver *A morte de Siegfried*, a primeira parte de *Os Nibelungos*, de Fritz Lang. É impressionante e Grunewald tem toda a razão em colocá-lo como um dos pilares do cinema que se fez a partir de então. O filme é do início da década de 1920.

“Os meus inicialmente dez melhores filmes da história do cinema chegaram a 71 filmes. Agora, com mais 33 dessa revisão, minha lista pula para 104 filmes. Ótimo. Posso, pelo menos, reivindicar este título: o autor de uma lista não de 100 filmes que seriam os maiores do mundo, mas 104. Divirtam-se.”

De Visconti, esqueci-me de um filme pelo qual tenho adoração, que é *Violência e Paixão*.

Em termos de um cinema mais novo, da segunda metade do séc. XX, não posso deixar de lembrar a obra do tcheco Milos Forman e seu formidável *Amadeus*, bem como um compêndio da violência de Sam Peckinpah que é *Meu ódio será tua herança*, um dos maiores faroestes de todos os tempos, bem como a obra sempre criativa de Woody Allen, de quem escolho, entre tantas opções, *Todos dizem que eu te amo*.

Outros filmes a que assisti recentemente também entram para o rol dos meus prediletos por tudo que eles significam: *Assim estava escrito*, de Vicente Minelli, que faz, como poucos, uma análise do sucesso a qualquer preço e da máquina de triturar talentos que é Hollywood; *Punhos de campeão*, de Robert Wise, um dos filmes mais contundentes sobre o mundo do boxe e as tragédias que existem em torno dele; e, finalmente, *Sombras do mal*, desconcertante e poderosíssimo filme de Jules Dassin, um dos muitos diretores norte-americanos que teve de sair dos EUA porque, perseguido, não tinha mais espaço para dar continuidade à sua obra.

Mais duas citações. O quanto poderoso e convincente é *A batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo!!! O seu *Queimada*, que esteve proibido por muitos anos, também foi recentemente lançado entre nós em DVD e mostrou o quanto é realmente importante na caracterização do mundo das colônias do Caribe e o massacre que sofreram nas mãos dos portugueses e espanhóis.

Por último, uma das minhas duas últimas paixões: a beleza do cinema do grego Theodoro – ou Theo – Angelopoulos, autor de filmes para serem vistos com calma, que valorizam enormemente a fotografia e a música e que, apesar de dolorosos nas histórias que contam, são maravilhosos. Veja-se o seu *Paisagem na neblina* ou *Um olhar de cada dia* ou, ainda, *A eternidade em um dia*. E agora por último mesmo, e o *Réquiem* que Emil Kusturika escreveu e dirigiu para o fim da Jugoslávia – ele é bósnio – em *Underground*?

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo *site* e demais veículos de comunicação da Amagis.

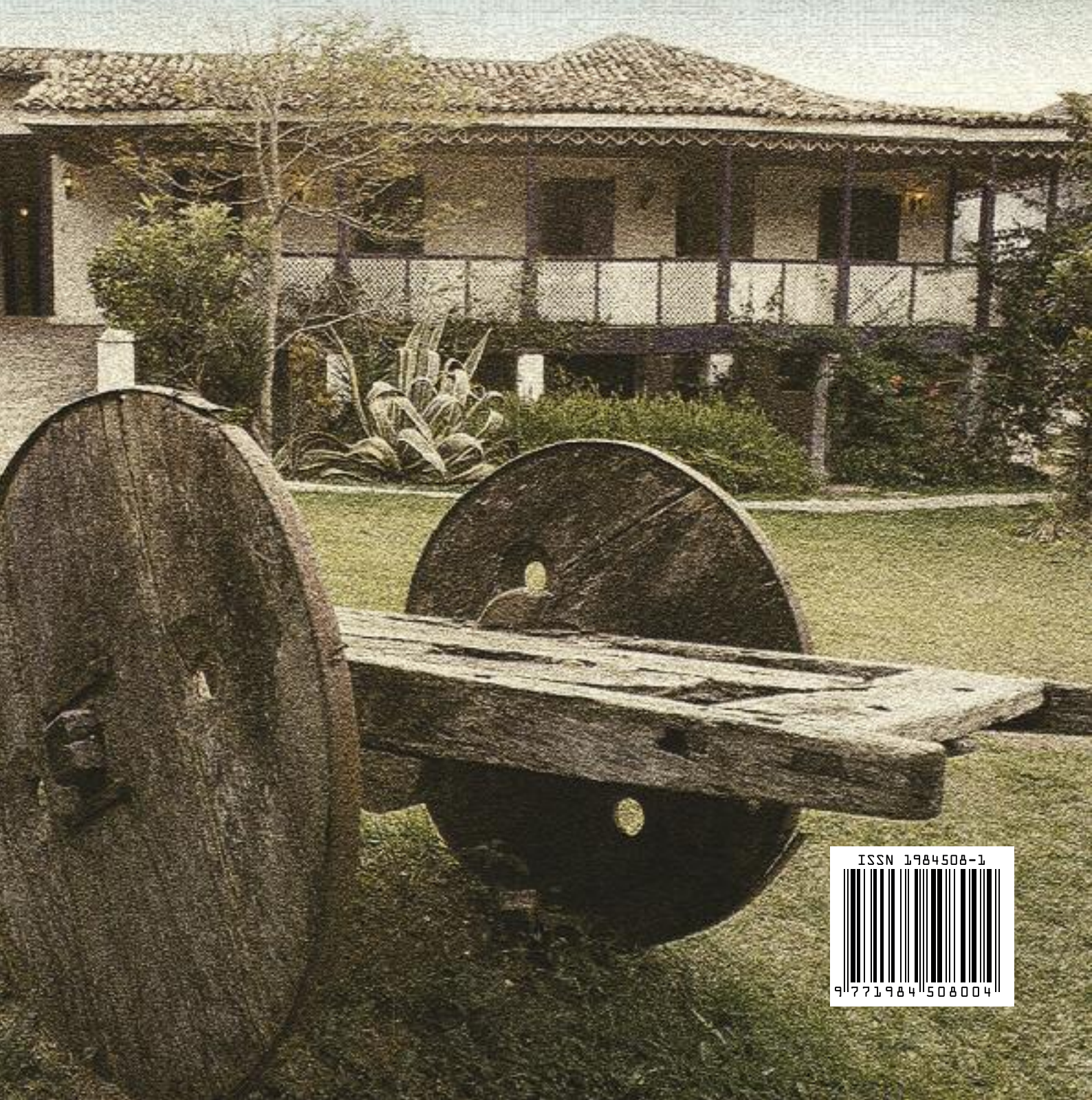


Ciente de seu papel social, a AMAGIS também se preocupa com a preservação do meio ambiente: esta revista foi impressa em papel reciclado (70% pré-consumo, 30% pós-consumo).

Apoio Cultural

CEMIG

A Melhor Energia do Brasil.



ISSN 1984508-1



9 771984 508004